

DM

**Abuso Cibernético  
nas Relações de Intimidade dos Jovens Adultos**

Relação entre uso problemático de internet,  
recurso a estratégias cibernéticas abusivas  
e existência de traços de psicopatia

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Ana Cristina Gama Saial**

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

dezembro | 2020

**Abuso Cibernético  
nas Relações de Intimidade dos Jovens Adultos**

Relação entre uso problemático de internet,  
recurso a estratégias cibernéticas abusivas  
e existência de traços de psicopatia

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Ana Cristina Gama Saial**

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

ORIENTAÇÃO

Alda Patrícia Marques Portugal

## Índice

Introdução.....	6
Capítulo I. Enquadramento teórico.....	8
1. Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC).....	9
1.1. Impacto das TIC nas relações interpessoais.....	9
1.2. Uso Problemático da Internet .....	10
2. Relações de Namoro e Abuso cibernético.....	13
2.1. Relações de namoro na Adulterez emergente.....	13
2.2. Dinâmicas abusivas nas relações de namoro .....	15
3. Traços de psicopatia e abuso cibernético na adulterez emergente .....	21
Capítulo II. Estudo Empírico.....	24
1. Objetivos do estudo .....	25
1.1. Tipo de estudo.....	25
1.2. Objetivos.....	25
2. Metodologia.....	25
2.1. Participantes.....	25
2.2. Instrumentos.....	26
2.3. Procedimentos.....	28
2.4. Análise Estatística.....	29
3. Resultados.....	30
Capítulo III. Conclusões .....	37
1. Discussão.....	38
2. Conclusão .....	42
Referências Bibliográficas.....	44
ANEXOS.....	54
Anexo 1.....	55
Anexo 2.....	56
Anexo 3.....	57

## **Índice de abreviaturas**

APA - American Psychiatric Association

CDC – Center of Disease Control and Prevention

CibAN - Questionário sobre Ciberabuso no Namoro

EUGPI-2 - Escala do Uso Generalizado Problemático da Internet 2

GPIU - Generalized Pathological Internet Use

LSRPS - The Levenson Self-Report Psychopathy Scale

SPIU - Specific Pathological Internet Use

SPSS - Statistical Package for Social Sciences

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

WHO - World Health Organization

## **Índice de tabelas**

**Tabela 1.** Formas de comunicação

**Tabela 2.** Tempo dispensado na internet

**Tabela 3.** Estatísticas descritivas dos itens da EUGPI-2

**Tabela 4.** Estatísticas descritivas da EUGPI-2

**Tabela 5.** Estatísticas descritivas do CibAN

**Tabela 6.** Indicadores de prevalência dos diferentes tipos de abuso no namoro, através do CibAN

**Tabela 71.** Diferença entre médias do CibAN em função do sexo

**Tabela 8.** Regressão linear para a variável dependente: perpetração de abuso cibernético

## **Agradecimentos**

A presente investigação representa o culminar de uma etapa da minha vida, que foi sem dúvida um dos maiores contributos para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Foi uma caminhada que teve altos e baixos, onde contei com o apoio e a ajuda de várias pessoas, a quem quero expressar a minha sincera gratidão.

Agradeço à minha orientadora, professora Alda Patrícia Marques Portugal, pela sua orientação, compreensão, preocupação, apoio, disponibilidade e rapidez que sempre me ofereceu. Por me transmitir calma, confiança, motivação e encorajamento.

Quero agradecer também a todos os que aceitaram colaborar neste estudo, por disponibilizarem parte do seu tempo a responder aos questionários.

À Silvana, muito obrigada por tudo.

Aos meus pais, agradeço por todo o esforço que tiveram de fazer para me darem a oportunidade de frequentar um curso superior.

Agradeço a todos os amigos que me acompanharam nesta jornada e que guardarei sempre no meu coração.

Àquelas pessoas que tenho no meu coração e que, mesmo sem saberem, me deram motivação para concluir esta fase da minha vida.

Ao David, por ter passado os últimos meses a dar-me na cabeça para que eu não desistisse e me ter encorajado a continuar.

E, por último, ao meu filho Martim, que me deu toda a força que eu precisava para finalizar esta investigação.

A todos um humilde obrigada!

*A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota.*

*Jean-Paul Sartre*

## **Resumo**

As Tecnologias de Informação e Comunicação vieram revolucionar a forma como comunicamos e marcam presença constante no quotidiano dos jovens. A experienciar as suas primeiras relações afetivas, os jovens adultos recorrem às tecnologias para comunicar com o parceiro íntimo. Se por um lado estes meios de comunicação podem aproximar os jovens, por outro servem de veículo para situações de abuso. Considerando estes elementos, esta investigação teve por objetivo estudar a relação entre o uso problemático da internet, traços de psicopatia e comportamentos de abuso cibernético. A amostra é constituída por 105 jovens, 85 raparigas e 20 rapazes, com uma idade média de 23.2 ( $DP = 3.65$ ). Os resultados indicaram que há um forte uso das tecnologias para manter a comunicação com o parceiro. Já nos resultados do abuso cibernético foi perceptível a elevada prevalência de comportamentos de vitimação e perpetração, com especial destaque para a dimensão do controlo. Não se encontraram diferenças no abuso cibernético entre rapazes e raparigas. Por fim, o estudo da relação entre os traços de psicopatia, uso problemático na internet e comportamentos de abuso cibernético não apresentou relevância estatística. Este estudo permitiu perceber que os comportamentos de abuso cibernético são transversais a ambos os sexos e apresentam uma tendência de crescimento da sua prevalência.

**Palavras-chave:** Abuso cibernético; Uso problemático da internet; Traços de psicopatia; Adulterez emergente.

## **Abstract**

Information and Communication Technologies have revolutionized the way we communicate and mark a constant presence in the daily lives of young people. Experiencing their first affective relationships, young adults' resort to technologies to communicate with their intimate partner. In one hand, communication by technologies can promote closer relationships, on the other hand they could be a vehicle for abuse situations. So, this research aimed to study the relationship between problematic use of internet, psychopathy traits and cyber dating abuse behavior.

The sample is constituted by 105 emerging adults, 80 girls, and 20 boys, with an average age of 23.2 ( $SD = 3.65$ ). The results suggest that there is a strong use of technologies to maintain communication with the partner. The results of cyber dating abuse were perceptible the high prevalence of victimization and perpetration behaviors, with special emphasis on the dimension of control. No differences were found between the averages of cyber dating abuse among boys and girls. Finally, the study of the relationship between traits of psychopathy, problematic use on the Internet, and cyber dating abuse behaviors was not statistically relevant. The study showed that cyber dating abuse behaviors are transversal to both sexes and show a tendency to increase their prevalence.

**Keywords:** Cyber dating abuse; Problematic use of the internet; traits of psychopathy; Emerging adulthood.

## Introdução

No final da década de 90, Jeffrey Arnett começa por defender a existência de uma etapa de desenvolvimento intermédia entre o final da adolescência e a idade adulta, referindo que não seria um período de transição, mas sim uma fase de desenvolvimento com características próprias (Arnett, 2000). Jeffrey denominou esta fase de adultez emergente, referindo-se a indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos que não se consideram adolescentes, mas também ainda não se identificam com a etapa da adultez no sentido pleno (Arnett, 2000). Esta fase de desenvolvimento abarca diferentes marcos psicossociais que podem interferir com a saúde mental destes jovens. Esta fase é também marcada pelo estabelecimento das primeiras relações de intimidade que contribuem para o desenvolvimento da personalidade.

A conceptualização desta nova etapa do desenvolvimento individual coincide temporalmente com a massificação do uso das tecnologias de informação e de comunicação (TIC). As TIC introduziram-se no quotidiano destes jovens, passando a ser um elemento fundamental para se manterem em contacto com o grupo de pares e com o parceiro íntimo. São, assim, um meio que lhes permite aprofundar as relações e desenvolver vínculos com pessoas significativas (Feng et al., 2019; Naeemi et al., 2014).

Ao mesmo tempo que se verifica um aumento no uso das TIC, diversos estudos nacionais (e.g., Franco & Costa de Lemos, 2019; Matos & Aventura Social, 2018) e internacionais (e.g., Gras & Ruiz, 2012) registam elevadas taxas de violência no namoro nos últimos anos, alertando várias classes profissionais para este fenómeno (Heine, 2020; Machado et al., 2003). Se por um lado os telemóveis e as redes sociais promovem a construção de uma relação positiva, por outro ocultam um lado perigoso, contribuindo para situações onde as relações se revestem de características abusivas e geradoras de sofrimento para os jovens (Reed et al., 2016).

Para que se possam desenhar soluções que respondam ao crescente fenómeno do abuso cibernético é importante conhecer e compreender as relações que se estabelecem entre o uso problemático das TIC, o abuso íntimo exercido através das TIC e as características de personalidade dos jovens, em particular existência de traços de psicopatia. Atendendo a este contexto, o presente estudo tem como principal objetivo caracterizar a prevalência do uso problemático da internet e do abuso cibernético, isto é, o recurso a estratégias abusivas exercidas através das tecnologias de informação e comunicação, nas relações de namoro dos jovens adultos, procurando perceber de que

forma estes dois fatores se relacionam com a existência de traços de psicopatia. De forma mais específica, pretende-se: i) caraterizar o uso problemático da internet; ii) caraterizar a prevalência do abuso cibernético nas relações de namoro dos jovens adultos, em termos de vitimação e perpetração e ao nível do sexo; e iv) analisar de que forma é que o uso problemático de internet e a existência de traços de psicopatia predizem a perpetração de abuso cibernético.

## **Capítulo I. Enquadramento teórico**

## **1. Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC)**

### **1.1. Impacto das TIC nas relações interpessoais**

A internet e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) invadiram o nosso quotidiano, integrando-se de uma forma que propicia a dependência pessoal e profissional relativamente às mesmas. Segundo Miranda (2007, p.43), o termo Tecnologias da Informação e Comunicação designa a “conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e mais particularmente na ‘World Wide Web’ a sua mais forte expressão”.

As TIC tornaram-se uma ferramenta essencial na comunicação e no entretenimento na vida de jovens e adolescentes destacando-se o recurso ao telemóvel e ao *tablet*. Um estudo realizado por Amaral e colaboradores (2017), com 1814 jovens do ensino básico, secundário e profissional, revelou que de todas as TIC disponíveis, 91.8% dos jovens tinha preferência pelo computador portátil e 79.3% refere preferir o telemóvel. Este mesmo estudo destaca o uso diário da internet, verificando-se que 92.5% dos jovens entre os 19 e os 22 anos, 80% dos jovens entre os 23 e os 26 anos e 80% dos jovens com mais de 26 anos afirma aceder à internet todos os dias. Quanto ao tempo diário gasto *online*, o estudo sugere que cerca de 40% dos jovens da amostra está *online* por um período de cerca de duas horas diárias.

Assim, percebe-se que a vida *online* ocupa um espaço significativo na vida diária dos jovens. Por este facto, é impossível não refletir sobre as transformações que este comportamento introduziu nas relações pessoais. Assim, o mundo virtual tem possibilitado novos espaços de socialização, tornando-se um meio muito atrativo para iniciar novas relações interpessoais, com a hipótese de recorrer a várias ferramentas digitais e tecnológicas (e.g., mensagens de texto através de redes sociais, e-mails, telemóveis, *webcam*). Na mesma proporção, o aumento do recurso às novas tecnologias pode levar a uma maior vulnerabilidade e intrusividade interpessoal (Burke et al., 2011).

Vários estudos documentam os motivos subjacentes ao uso das TIC. Por exemplo, o estudo de Amaral e colaboradores (2017), citado anteriormente, revela que os jovens usam a internet para ouvir música *online* (59.7%), ver vídeos/séries/filmes online (56%) e participar em redes sociais (51.6%). Por sua vez, no estudo realizado por Matos e colaboradores (2019) com 8215 adolescentes, distribuídos pelos 6º, 8º, 10º e 12º anos passam o seu tempo *online* sobretudo a assistir vídeos no *Youtube* e partilhar conteúdos no *Instagram*. Por sua vez, o *Health Behaviour in School-aged Children*, um estudo

realizado em colaboração com a Organização Mundial de Saúde, reúne dados sobre diversas áreas da vida dos adolescentes de 44 países, inclusive Portugal. Dos 6997 adolescentes que integraram o estudo, 68.8% afirmou que mantém contactos *online* com os amigos chegados várias vezes ao dia (Matos & Aventura Social, 2018).

A interferência das TIC na forma como os jovens se relacionam começa, desde logo, na capacidade de comunicar sentimentos. A maioria dos jovens portugueses refere que não se sente confortável em falar sobre os seus sentimentos, pensamentos e preocupações cara a cara. Contudo, cerca de 20% desses mesmos jovens portugueses refere que se sente mais confortável a falar de si *online* (Matos et al., 2019). Este comportamento *online* parece ser alvo de discussão com a família, amigos ou namorado(a) (Matos et al., 2019).

Também as relações familiares podem sair comprometidas. O uso excessivo das TIC poderá comprometer o diálogo familiar, camuflando possíveis dificuldades no relacionamento entre pais, filhos e casais. Além destes elementos, há hábitos familiares, como por exemplo as refeições em família e o diálogo que se aí estabelecia, que se vão diluindo sendo substituídos pela televisão ou até mesmo pelo uso do telemóvel (Thomazini & Goulart, 2018).

Este uso massivo das TIC e a sua influência nas relações interpessoais deixa espaço para que o ambiente virtual se torne numa ferramenta onde as práticas de discriminação e violência ganham terreno, uma vez que facilita e abre a oportunidade de humilhação e agressão (Deans & Bhogal, 2019; Flach & Deslandes, 2017; Peskin et al., 2017).

## **1.2. Uso Problemático da Internet**

A internet tornou-se numa ferramenta de fácil acesso, à qual as pessoas podem aceder em qualquer lugar, através de diferentes dispositivos, a qualquer hora e pelo tempo que necessitem. Este facilitismo e o seu uso diário gerou preocupação na comunidade científica e em profissionais de saúde mental, que se aperceberam de que os seus pacientes davam muita importância às suas atividades *online* e negligenciavam as suas relações sociais, a sua saúde e as suas responsabilidades profissionais (Breslau et al., 2015). Desta forma, surge, junto dos investigadores que estudam a saúde mental, uma inquietação relacionada com o comportamento aditivo relativamente ao uso da internet, culminando num possível uso problemático da mesma (Young, 1999).

O conceito de Uso Problemático da Internet surge na literatura científica na década de 90, num estudo realizado por Young em 1996. O conceito nasceu a partir de uma

reflexão que divergia em volta de duas opiniões: por um lado havia autores que consideravam que apenas as substâncias físicas poderiam considerar-se aditivas, e onde o termo adição só poderia ser associado a uma dependência relacionada com a ingestão de uma substância; por outro lado, outros autores consideravam que o conceito de adição poderia ser referente a um número de comportamentos, independente da ingestão de uma substância (Griffiths, 2000).

Sobre o conceito de adição à internet, Orzack (1999) e Young, (1998) afirmam que a sua medida tem por base o autorrelato dos sujeitos. Assim, é considerada adição quando os indivíduos relatam que o seu comportamento *online* se traduziu em prejuízos para a sua vida, ou seja, que se sintam sem suporte e sem controlo da sua vida, como resultado de estarem viciados na internet. Estes prejuízos incluem problemas interpessoais, problemas de separação ou divórcio, problemas de natureza escolar ou até problemas de saúde física.

Por sua vez, Gámez-Guadix e colaboradores (2013) consideram que o conceito de Uso Problemático da Internet diz respeito a um padrão de comportamento onde o sujeito tem a necessidade de estar constantemente a conectar-se à internet e a utiliza como um meio para escapar aos problemas, preferindo estar conectado à internet, negligenciando as relações sociais e familiares. Já Breslau et al. (2015), distinguem dois tipos de Uso Problemático da Internet: (a) o primeiro tipo designa-se de *Specific Pathological Internet Use* (SPIU) e refere-se a determinadas atividades que são executadas através da internet, como a visualização de pornografia ou jogos *online* e onde a internet é considerada um instrumento que conduz ao objetivo dos sujeitos; (b) o segundo tipo denomina-se de *Generalized Pathological Internet Use* (GPIU) e diz respeito aos comportamentos que apenas se podem realizar *online*, como a utilização das redes sociais (e.g., *Facebook*, *WhatsApp*, *Twitter*).

Apesar destas definições que deixam indicadores importantes relativamente aos impactos negativos associados ao uso problemático da internet, o mesmo ainda não é reconhecido como uma doença ou patologia pela *American Psychiatric Association* (APA). Porém, os investigadores já o identificam como um problema, guiando-se pelo paradigma cognitivo-comportamental para o diagnóstico e intervenção (Pontes et al., 2016; Tokunaga, 2015). O modelo cognitivo-comportamental conceptualiza o uso problemático da internet como um problema complexo que resulta de questões relacionados com os hábitos de consumo da internet e com a autorregulação (Pontes et al., 2016), ou seja, um padrão de vários comportamentos e cognições que se relacionam

com o comportamento individual em relação à internet e que resultam em consequências negativas para a vida do sujeito (Caplan, 2002). Os sujeitos que apresentam um uso problemático de internet tendem a desvalorizar as consequências e desvantagens provenientes do uso compulsivo de internet, o que faz com que mantenham um padrão excessivo de utilização e demonstrem ansiedade quando não têm a possibilidade de estar *online*. Tudo isto conduz a um déficit no desempenho das suas funções do dia-a-dia, como à diminuição da produtividade, a dificuldades em realizar algumas atividades básicas e ao surgimento de conflitos com amigos e familiares (Breslau et al., 2015).

Segundo Breslau et al. (2015), alguns fatores de risco parecem estar na base de comportamentos relacionados com o uso problemático de internet, designadamente: instabilidade emocional, isolamento social, ansiedade, ser-se vítima ou agressor, abuso de substâncias ilícitas e ideação suicida. Neste sentido, a prevalência de uso problemático da internet acarreta consequências para o sujeito, como por exemplo: complicações na relação conjugal; conflito e negligência parental; diminuição do desempenho académico (no caso de sujeitos que ficam muito tempo a jogar *online* e desvalorizam as responsabilidades académicas); dificuldades financeiras (no caso de sujeitos que realizam compras compulsivas na internet); e problemas físicos, decorrentes do uso prolongado da internet que conduz a padrões irregulares de alimentação e sono, à falta de exercício físico e à ausência de contato social direto. Breslau e colaboradores (2015) fazem referência a estudos onde as conclusões destacam que o uso problemático da internet origina consequências diretas em termos funcionais e psicossociais, como dificuldade com a gestão e/ou organização do tempo, dificuldade em dormir bem, pouca motivação e fracos desempenhos nas suas atividades profissionais. De acordo com Young (1999), os indivíduos diagnosticados com Uso Problemático da Internet utilizam a internet entre 40 a 80 horas por semana, comportamento que influencia os padrões de sono, pois permanecem na internet durante muito tempo, mantendo-se acordados até depois da meia-noite, mesmo quando no dia seguinte precisam de se levantar cedo para dar resposta às suas responsabilidades laborais e/ou escolares. Essa privação do sono torna o sujeito mais vulnerável à doença, pois pode associar-se a uma fadiga excessiva que leva à diminuição das capacidades e do desempenho, afetando também o seu sistema imunitário.

Young e Rogers (1998) e Shapira e colaboradores (2000) referem que os sujeitos diagnosticados com Uso Problemático da Internet têm mais probabilidade de desenvolver distúrbios psicológicos ao longo da sua vida, nomeadamente depressão, problemas bipolares e compulsão sexual, assim como sentimentos de solidão. Neste sentido, os

indivíduos que apresentem dificuldades nas interações sociais ou nos relacionamentos interpessoais, poderão encontrar na utilização da internet uma forma de construir relacionamentos que se ajustam às suas dificuldades. Uma vez que a comunicação tende a ser estabelecida na base do anonimato, há a possibilidade de controlar as suas interações e há uma diminuição do risco de rejeição ou de experiências negativas sociais por parte dos pares, pois as pessoas sentem-se mais confortáveis em estabelecer relações com recurso aos meios digitais. Por outro lado, devido aos seus défices relacionais e sociais, também estarão mais propícios a desenvolverem alguma perturbação que tenha um efeito direto no seu funcionamento, como o desenvolvimento de sintomatologia depressiva (Tokunaga, 2014), ansiedade ou outros problemas, como o aumento do défice das suas capacidades relacionais e sociais (Caplan, 2007).

## **2. Relações de Namoro e Abuso cibernético**

### **2.1. Relações de namoro na Adulterez emergente**

Os seres humanos apresentam uma tendência inata para estabelecer vínculos afetivos com as suas figuras cuidadoras, o que faz com que a relação entre pais e filhos tenha uma grande importância durante a infância e a adolescência (Martínez-Álvarez et al., 2014). Neste sentido, o apoio proporcionado pelos cuidadores influenciará o estabelecimento das relações afetivas futuras dos jovens com os seus pares (Penagos et al., 2006).

A adolescência, enquanto etapa do desenvolvimento individual, representa uma fase crítica para o estabelecimento e desenvolvimento de relações de intimidade fora do contexto familiar (Brown & Larson, 2004). A adolescência marca a transição para a adultez e implica mudanças não só físicas, como também psicológicas, cognitivas e sociais. Nesta fase há uma grande necessidade de reconhecimento por parte dos pares, fazendo com que as suas relações afetivas sejam bastante significativas para o desenvolvimento emocional (García-Sánchez et al., 2017).

É, também, na adolescência que acontecem as primeiras relações amorosas, dando a possibilidade de exploração pessoal e de satisfação e promovendo a aquisição de competências relacionadas com a autonomia, a construção da intimidade e a promoção do companheirismo (Faia et al., 2016). É uma etapa da vida que se caracteriza por diversas experiências de relacionamento, onde as identidades sexuais e de género surgem e se clarificam (Caridade & Machado, 2006). Estes padrões diferentes de relacionamento que

se vão construindo permitem uma aprendizagem dos papéis práticos e sociais que são necessários em futuros relacionamentos amorosos e noutras relações interpessoais. Por outro lado, este período também é propício à formação de crenças e atitudes sobre os relacionamentos e o abuso de poder, que irão estar na base no desenvolvimento dos seus modelos de comportamentos (Faia et al., 2016).

Atendendo a estes aspetos, é expectável que seja nesta fase da vida que se inicie a manifestação dos primeiros padrões de violência na intimidade. As primeiras relações de intimidade que surgem na adolescência abrem espaço para a ocorrência de situações relacionais imprevisíveis, que podem culminar em comportamentos violentos e outras formas de coerção (Caridade & Machado, 2013).

É difícil compreender o fenómeno da violência sem procurar perceber quais as crenças sociais que se lhe associam. Assim, o que se considera ou não violento tem as suas raízes nas referências morais de cada pessoa. Este fenómeno acaba por assumir uma maior importância na fase da adolescência, pois coincide com o momento em que os jovens experimentam e fortalecem as expectativas de género (Ventura et al., 2013).

As crenças sociais estão fortemente relacionadas com aquilo que Young et al. (2003) definiram por esquemas mal adaptativos, ou seja, um padrão de pensamentos disfuncionais que se construídos com base nas memórias, emoções e sensações que se desenvolvem ao longo do tempo. A influência das crenças sobre a perpetração da violência nas relações de intimidade ficou evidenciada na investigação de Calvete et al. (2018), que contou com a participação de 933 adolescentes. O estudo permitiu perceber que os esquemas mal adaptativos, mais especificamente os esquemas de vitimação em relações de namoro violentas e os esquemas de conexão/rejeição, são significativos na perpetração de violência nas relações íntimas, permitindo a manutenção de dinâmicas abusivas (Calvete et al., 2018)

Se as primeiras experiências de relacionamento íntimo ocorrem na adolescência, é no início da idade adulta que os relacionamentos amorosos se consolidam, constituindo-se, inclusivamente, como um preditor do bem-estar mental do jovem adulto (Finchman & Cui, 2011). A adultez emergente diz respeito a uma etapa do desenvolvimento conceptualizada recentemente na sequência das transformações sociais e culturais ocorridas nas últimas décadas. Trata-se de um período de transição entre a adolescência e a idade adulta (entre os 18 e os 29 anos) caracterizado por uma certa instabilidade, bem como, pela perceção de que ainda é possível escolher entre uma vasta panóplia de opções sem a existência de um compromisso definitivo (Arnett, 2000). Apesar desta fase de

desenvolvimento ser marcada pela necessidade de ter experiências diferentes, a maioria dos jovens tende a ser consistente na manutenção das suas relações amorosas, não tendo como padrão a busca por novos relacionamentos (Finchman & Cui, 2011). É, assim, possível, compreender que para os jovens adultos as relações íntimas ocupam um lugar de destaque de entre as relações sociais que vão construindo e mantendo. Apesar dos problemas que possam surgir, estas relações são fonte de admiração, intimidade e afeto (Facio & Resett, 2012).

As relações de namoro apresentam-se como os primeiros ensaios de relacionamento íntimo interpessoal adulto. O funcionamento saudável e duradouro de uma relação de namoro é influenciado por diversas dimensões, nomeadamente: pelos fatores individuais (e.g., características sociodemográficas, características da personalidade), relacionais (e.g., estilos preferenciais de interação, táticas de resolução de conflitos) e externos (e.g., contexto cultural em que a relação se desenvolve, ambiente na família de origem). Neste sentido, a interação entre estes fatores pode levar não só ao estabelecimento de relações sólidas, consistentes e baseadas no respeito ao outro, como também ao estabelecimento de relações que se baseiam em práticas íntimas abusivas (Portugal et al., 2019). Estas práticas abusivas e as situações de violência nas relações íntimas são aspetos que podem ser vivenciados desde a pré-adolescência até à idade adulta (Pinheiro & Caridade, 2019).

## **2.2. Dinâmicas abusivas nas relações de namoro**

Moffitt e colaboradores (1997) indicam que a violência entre os jovens adultos apresenta uma taxa de prevalência situada entre os 21.8% e os 55%; Caridade e Machado (2006) referem que cerca de 12% a 59% dos estudantes universitários já foram vítimas de algum tipo de violência nas suas relações de namoro.

Um dos primeiros estudos realizados no contexto português que envolveu 4665 jovens, indicou que um em cada quatro já vivenciou pelo menos um ato de violência no namoro ao longo das suas relações íntimas (Machado et al., 2010). Num outro estudo, os resultados mostraram que 15.5% dos participantes indicaram ser vítimas de pelo menos um ato agressivo e 21.7% referiram utilizar comportamentos agressivos em relação aos seus companheiros amorosos (Machado et al., 2003). Mais recentemente, Faia e colaboradores (2016) num estudo conduzido com 505 jovens, com uma idade média de 21.76 anos encontraram elevadas taxas de prevalência de situações de abuso íntimo, onde a agressão psicológica se destaca quer em termos de perpetração (52.3%) quer em termos de vitimação (52.3%).

A violência nas relações íntimas é habitualmente vista como sendo cometida por homens contra mulheres, no entanto, ela também pode ocorrer entre pessoas do mesmo sexo e de mulheres contra homens (Ventura et al., 2013). Além de poder assumir diferentes formas (física, psicológica e sexual), a violência pode surgir em diferentes contextos relacionais (conjugal, pós-separação/divórcio, união de facto, namoro) e em pessoas pertencentes a diferentes níveis socioeconómicos (O’Keefe, 2005).

A violência no namoro tem sido reconhecida como um sério problema de saúde pública e social (*World Health Organization* [WHO], 2016). A violência nas relações interpessoais íntimas é considerada uma grave violação dos direitos humanos e habitualmente é mencionada através de vários termos com significados próximos, como violência doméstica, violência conjugal e violência nas relações de intimidade (Ventura et al., 2013). Portanto, entende-se por violência nas relações de intimidade a presença de atos de violência física, psicológica, sexual e outras formas de controlo praticados contra pessoas do outro ou do mesmo sexo com quem a vítima mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro, com ou sem coabitação, podendo até chegar ao homicídio. É um problema complexo e transversal a diferentes países, classes socioeconómicas e culturas (Heise & Garcia-Moreno, 2002 cit. in Portugal et al., 2019). Numa revisão sistemática elaborada por Jennings et al. (2017), onde foram contemplados 169 estudos com jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 30 anos, deixou evidente que a presença de violência nas relações de namoro (< 10%) apresentava uma menor prevalência nas relações entre jovens mais novos, comparativamente aos mais velhos onde se verificou que os mais jovens (entre 20% a 30%). Outra conclusão que resultou desta análise sistemática foi a de que as mulheres revelaram indicadores de vitimização mais elevados.

A violência no namoro surge, em alguns casos, como antecedente da violência conjugal, aspeto que é comprovado pelos resultados de um estudo espanhol com mulheres que sofreram maus tratos ao longo das suas relações amorosas. De acordo com o referido estudo, 18.2% dos casos as agressões iniciaram-se durante as relações de namoro (antes de existir coabitação) (Gómez et al., 2002).

Os estudos sobre as relações amorosas na adolescência apontam para a existência de diferentes formas de violência (física, psicológica, verbal, sexual) (Caridade & Machado, 2006; Machado et al., 2010), prevendo-se uma relação a longo prazo desajustada, uma vez que depois do casamento a violência tem tendência para se agravar (Ventura et al., 2013). A violência na intimidade pode despoletar sentimentos de auto perceção desvalorizada e impotência (Santos et al., 2019), mudando a perceção dos jovens

sobre os seus direitos e possibilidade de exercício do poder (Caridade & Machado, 2006). Estas consequências são documentadas em diversos estudos, tanto nacionais (Caridade & Barros, 2018; Santos et al., 2019), como internacionais (Cartner-Snell, 2015; Exner-Cortens et al., 2013).

As crenças conservadoras acerca dos papéis de mulher e de homem relacionam-se com a tendência que os homens têm em usar a violência e culpar as mulheres pelo seu comportamento e das mulheres em justificarem ou desculparem o comportamento dos homens. Por sua vez, os homens consideram ainda que o uso de violência (ameaças, humilhação, empurrões) é admissível na resolução de conflitos interpessoais (González-Ortega et al., 2008 cit. in Ventura et al., 2013). Neste sentido, no estudo de Machado e colaboradores (2003), os homens que integravam a amostra consideram que além da violência ser justificável em função do comportamento da mulher, também acreditam que pode ser atribuída a causas externas e fora do seu controlo (e.g., o álcool ou a pobreza) e desvalorizam pequenos atos.

Estudos realizados com jovens adultos indicam que os mesmos adotam uma atitude de banalização da violência, considerando os comportamentos agressivos como atos de ciúme e amor (Caridade & Machado, 2013). Por outro lado, o sexo masculino mostrou uma maior aceitação da violência (Caridade, 2011). Já outro estudo indica que os rapazes se assumiram como sendo mais frequentemente vítimas de agressão psicológica (82.2%) do que as raparigas (66.5%) (Portugal et al., 2019).

Nesta perspetiva, verifica-se que existe uma bidirecionalidade da violência nas relações íntimas dos jovens, não se tratando de uma questão de género (Straus & Gozjolko, 2014 cit in Portugal et al., 2019). Esta transversalidade da prevalência da violência nas relações íntimas em jovens de ambos os sexos foi, também, comprovada no estudo desenvolvido por Hamby e Turner (2013).

Num estudo mais recente com jovens portugueses com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, 13.9% destes jovens afirmou ser perpetrador(a) de violência contra o(a) namorado(a). Além deste aspeto, 23.7% revelaram ter sofrido algum tipo de abuso íntimo, dentro do qual se destaca a agressão psicológica (forma de agressão mais referenciada quer ao nível da perpetração, quer ao nível da vitimização). Outro resultado que merece destaque é a percentagem de jovens, 65%, que foram simultaneamente vítimas e agressores (Santos et al., 2019).

No estudo de Portugal et al. (2019) apurou que 79.7% dos estudantes referiram ser vítimas de algum tipo de abuso íntimo e 79.3% referiu ser agressor para com o seu

parceiro amoroso. Quer em termos de vitimação, quer de perpetração, verificou-se que prevalece a agressão psicológica (71.1% - 74%), seguindo-se a coerção sexual (33.7% - 30.1%), o abuso físico sem sequelas (25.6% - 26.4%), sendo o abuso físico com sequelas o menos dominante (4.9% - 4.9%).

### **2.3. Abuso cibernético nas relações de namoro**

A violência no namoro pode assumir várias formas que podem ocorrer em simultâneo, tais como abuso físico, psicológico e /ou sexual. Estas manifestações abusivas podem ainda ocorrer de forma direta, virtual (através da internet) ou por intermédio de uma terceira pessoa (*Center for Disease Control and Prevention [CDC]*, 2014). O abuso perpetrado virtualmente é designado na literatura por *Ciberabuso* ou *Abuso cibernético* e define-se por ser um fenómeno que afeta jovens e adolescentes, que se baseia na manifestação de mau trato psicológico através do uso inadequado das TIC (Borrajo et al., 2015). Os objetivos subjacentes ao abuso cibernético são controlar, assediar e perseguir o companheiro(a) íntimo através das novas tecnologias e dos media. Esta forma de abuso no contexto de namoro (*Cyber Dating Abuse*) parece aumentar na mesma proporção que o uso massificado das TIC (Borrajo et al., 2015; García-Sánchez et al., 2017). Internacionalmente são também usadas outras expressões para caracterizar este tipo de abuso íntimo, nomeadamente: *Digital Dating Abuse*, *Electronic Aggression* (Bennett et al., 2011), *Electronic Dating Violence* (Hinduja & Patchin, 2011), *Intimate Partner Cyber Aggression* (Marganski & Melander, 2015; Schnurr et al., 2013) ou, ainda, *Intimate Partner Cyber Harassment* (Melander, 2010).

O abuso cibernético pode ocorrer de forma rápida e continuada (Bennett et al., 2011; Stonard et al., 2014; Van Ouytsel et al., 2017), sendo também muitas vezes permanente, levando a um maior risco de revitimização (Runions et al., 2013; Stonard et al., 2017). Existe também uma maior dificuldade em detetar os agressores e de conter o seu comportamento (Van Ouytsel et al., 2016). Trata-se de uma forma de abuso com diferentes expressões comportamentais, nomeadamente: controlo *online* diário do companheiro(a) (através das redes sociais); obtenção das palavras-passe do companheiro(a) sem a sua permissão; envio de mensagens ou e-mails ameaçadores; publicação, por exemplo nas redes sociais, de vídeos ou fotografias com a finalidade de prejudicar e humilhar o companheiro(a); publicação de comentários humilhantes para o companheiro(a); e fazer exigências no sentido de que o companheiro envie fotografias ou vídeos sexuais ou pratique atos sexuais contra a sua vontade, através da internet ou

telemóvel (Caridade & Braga, 2019). Estas expressões de comportamento têm como objetivo provocar isolamento e angústia na vítima (Cavalcanti & Coutinho, 2019). Bennett et al. (2011), no seu estudo sobre abuso cibernético e a sua relação com comportamentos de risco, verificaram que 72.3% dos(as) jovens inquiridos se sentiram hostilizados e 73.2% manifestaram sentimentos de humilhação. Na sequência destes resultados, compreende-se que o abuso cibernético pode resultar em várias consequências negativas para a vítima, como sintomas depressivos e ansiosos, baixo rendimento escolar, comportamentos delinquentes, perturbação do sono e ideação suicida (Flach & Deslandes, 2017).

Alguns estudos sugerem diferenças ao nível do sexo na perpetração e vitimação do abuso cibernético. Por exemplo, o estudo de García-Sánchez et al. (2017), realizado com adolescentes mexicanos, constatou que os rapazes tendem a ser mais controladores e a manifestar níveis de agressão direta cometida e sofrida mais elevados do que as raparigas, ou seja os rapazes são quem mais agride diretamente, mas também se percebem como sendo alvo de mais agressões. Este resultado surpreendeu os investigadores por não ir ao encontro de resultados de outras investigações. Não avançando com uma possível justificação para este aspeto, os autores apenas destacam o trabalho de Piquer e colaboradores (2017) onde é referida a ideia de que ambos os sexos reconhecem que em algum momento da sua relação já exerceram e já sofreram abuso cibernético, especialmente comportamentos de controlo. Este último aspeto é reforçado no estudo de Borrajo et al. (2015), em que as respostas de 782 jovens, revelaram que tanto rapazes como raparigas utilizam na mesma medida o controlo sobre o outro. Contudo, estes autores encontram diferenças entre sexos, verificando que as raparigas se destacam na agressão direta, tanto ao nível da vitimação como da perpetração, resultado este que se diferencia do resultado obtido por García-Sánchez e colaboradores (2017).

O crescente uso de *smartphones* com acesso à internet parece ter facilitado e impulsionado muitos dos comportamentos desajustados existentes nas relações íntimas. Durán e Martínez (2015) analisaram, durante um ano, o comportamento de jovens universitários espanhóis. Os seus resultados mostram que 57.2% de jovens universitários de Espanha manifestaram que tinham sido vítimas por parte do(a) seu(sua) namorado(a) através do uso do telemóvel e 27.4% o abuso foi com recurso à Internet. Quando se olha na perspetiva dos(as) agressores(as), 47.6% reposita que utilizou o telemóvel para intimidar o(a) seu(sua) namorado(a) e 14% fê-lo com recurso à Internet. Este mesmo

estudo encontrou diferenças entre gêneros, onde as condutas de vitimização tiveram uma maior prevalência nos rapazes comparativamente às raparigas (Durán & Martínez, 2015).

Analisando os estudos realizados com jovens portugueses é perceptível que os resultados acompanham os estudos internacionais. Começando pelos resultados obtidos durante o processo de validação do Questionário de Ciberabuso no Namoro (versão original de Borrajo, Gámez-Guadix, Pereda & Calvete, 2015; tradução de Caridade & Braga, 2019), os resultados sugerem que 59.2% dos jovens participantes já experienciou pelo menos algum tipo de comportamento de abuso cibernético no namoro, enquanto que 66.9% assumiu ter perpetrado pelo menos uma forma deste tipo de abuso. O controlo íntimo pareceu ser a forma de abuso que os participantes mais disseram ter sofrido (58.8%) e praticado (66.9%) (Caridade & Braga, 2019). Por sua vez, Santos e colaboradores (2019), num estudo com jovens adultos deparou-se com resultados que reforçam a prevalência de indícios consideráveis de violência nas relações íntimas, quer em termos de perpetração (13.9%) quer de vitimização (23.7%). Quanto às possíveis diferenças entre sexos, este estudo não encontrou diferenças estatisticamente significativas. Num outro estudo, realizado com 173 jovens portugueses, com uma idade média de 25.36 anos, verificou-se que de todos os participantes que declararam ter tido uma relação íntima, 38.2% manifestaram ter sido vítimas de abuso cibernético e 43.4% referiram ter tido algum tipo de controlo íntimo através do uso das TIC (Caridade et al., 2020).

A existência de um ou mais fatores de risco aumenta exponencialmente a probabilidade dos jovens vivenciarem situações de abuso cibernético quer como vítimas, quer como agressores. A investigação organiza os fatores de risco em sete grandes categorias: características sociodemográficas, experiências anteriores violentas ou exposição à violência, atitudes em relação à violência, influência dos pares, fatores interpessoais ou de personalidade, outros problemas de comportamento e fatores associados à relação (O’Keefe, 2005). Estas categorias têm associados diferentes fatores de risco que estão simultaneamente associados à vitimização e à perpetração do abuso cibernético nos relacionamentos íntimos (Cavalcanti & Coutinho, 2019).

Os fatores de risco são, assim, cada vez mais contemplados na investigação no sentido de perceber a sua influência nos comportamentos de abuso. Na revisão sistemática desenvolvida por Jennings e colaboradores (2017) foram identificados alguns fatores associados à violência no namoro, como por exemplo, uso/abuso do consumo de álcool, traços de personalidade (e.g., pensamentos suicidas, internalização, baixa autoestima,

impulsividade), problema na regulação emocional, exposição à violência, violência entre pares, identificação de gênero e depressão.

### **3. Traços de psicopatia e abuso cibernético na adultez emergente**

Na adultez emergente assiste-se a uma mudança relativamente aos papéis sociais no sentido de uma progressiva diminuição da dependência familiar. Destaca-se, por exemplo, a maior sensação de autonomia, necessidade de lidar com responsabilidades financeiras, a inserção no mercado de trabalho e o estabelecimento e desenvolvimento de relações íntimas (Arnett, 2000). Estas mudanças e novas exigências podem ser um reflexo de uma maior sensação de bem-estar para os jovens (Baggio et al., 2017). Contudo, os percursos não são lineares e estes jovens podem enfrentar um retrocesso no seu processo de autonomia, com a perda de emprego, a instabilidade nas relações íntimas, ficar novamente dependentes da família ou até a iniciar um percurso associado a comportamentos de delinquência ou de risco (Hill & Bosick, 2017). Assim, as exigências e desafios específicos desta etapa do desenvolvimento individual podem contribuir positivamente para o bem-estar biopsicossocial dos jovens ou comprometer a sua saúde mental (Hunt & Eisenberg, 2010).

A grande maioria dos jovens adultos não desenvolve problemas mentais com gravidade suficiente para serem diagnosticados. Contudo, a investigação sugere que cerca de 40% desta população apresenta sintomas associados à ansiedade, 22% ao consumo de substâncias psicoativas e 22% a perturbações do humor (Henin & Berman, 2016). Quando a saúde mental fica severamente comprometida, o desenvolvimento dos jovens adultos é colocado em causa, podendo manifestar-se em quadros disfuncionais crónicos e em problemas de saúde decorrentes do abuso de substâncias. Quando isto acontece, tende a existir uma associação com problemas financeiros e degradação da identidade pessoal e social (Henin & Berman, 2016).

A definição do conceito de psicopatia tem sofrido alterações ao longo dos anos. Nas diferentes definições parece ser visível alguma discórdia que resulta das tradições científicas e legais que pautam os diferentes países (Soeiro & Gonçalves, 2012). Porém, ele surge inicialmente no âmbito da medicina legal de forma a conseguirem uma denominação para os criminosos especialmente agressivos e cruéis que não apresentavam traços relacionados com nenhuma doença mental. Assim, partiram-se das descrições destes pacientes na tentativa de criar categorias de descrição da doença adequadas aos

mesmos. Este trabalho marca o início do estudo da psicopatia numa perspectiva clínica (Hare & Neumann, 2008).

Contudo, a descrição mais pormenorizada do conceito de psicopatia deve-se a Cleckley (1941, 1988 cit. in Filho et al., 2009; Soeiro & Gonçalves, 2012), onde para além de apresentar uma definição teve a preocupação de identificar as suas principais manifestações clínicas. Ofereceu, também, uma perspectiva mais abrangente, defendendo que nem todos os psicopatas eram criminosos. Este autor listou um conjunto de dezasseis características da psicopatia, nomeadamente: 1) Encanto superficial e boa inteligência; 2) Ausência de delírios e outros sinais de pensamento irracional; 3) Ausência de nervosismos e manifestações psiconeuróticas; 4) Não-confiabilidade; 5) Tendência para a mentira e insinceridade; 6) Falta de remorsos ou vergonha; 7) Comportamento antissocial inadequadamente motivado; 8) Juízo empobrecido e falha em aprender com a experiência; 9) Egocentrismo patológico e incapacidade para amar; 10) Pobreza generalizada em termos de reações afetivas; 11) Perda específica de insight; 12) Falta de reciprocidade nas relações interpessoais; 13) Comportamento fantasioso e não convidativo sob influência de álcool ou não; 14) Ameaças de suicídio raramente concretizadas; 15) Vida sexual impessoal sem relação emocional; 16) Dificuldade em seguir um plano de vida.

A perspectiva moderna apoiou-se no trabalho de Cleckley para sugerir que a psicopatia se define pela conjugação de características afetivas, interpessoais e comportamentais específicas (Hare & Neumann, 2010). Pessoas com traços evidentes de psicopata tendem a experienciar uma afetividade pobre, evidenciando uma baixa capacidade para demonstrações de remorso ou culpa, ausência de empatia e de sensibilidade em relação aos pensamentos e sentimentos dos outros, conduzindo a pessoa ao estabelecimento de relações superficiais onde existe um pobre comprometimento afetivo. Além destas características emocionais, quem apresenta traços de psicopatia deixa evidente um estilo manipulador e enganador, com um recurso ao charme superficial, à arrogância, ao egocentrismo e à grandiosidade. Por fim, o estilo comportamental é marcado por atitudes impulsivas e irresponsáveis, uma procura contínua de adrenalina e dificuldade em definir objetivos a longo prazo (Hare & Neumann, 2010).

Estas características deixam evidente a complexidade deste fenómeno, por isso é impossível associar o desenvolvimento deste tipo de traços a um único acontecimento. Neste sentido há um enorme interesse em perceber quais os aspetos que conduzem ao

desenvolvimento deste tipo de traços. Assim, é necessário conjugar os conhecimentos da genética e das neurociências, as características da personalidade e o meio ambiente onde determinada pessoa nasce e cresce para ganhar um quadro compreensivo mais viável para este tipo de traços (Ribeiro da Silva et al., 2012). A personalidade resulta de uma conjugação de diferentes traços que existem num contínuo. O que diferencia os sujeitos é a intensidade com que eles se manifestam no comportamento quotidiano. Tendo em consideração este conhecimento, quanto mais evidentes forem os traços de psicopatia, maior a probabilidade de existirem comportamentos violentos.

Os traços de psicopatia parecem ser preditores da violência nas relações íntimas. Okano et al. (2016) realizaram um estudo com duas amostras, uma amostra clínica e outra com jovens universitários, com o objetivo de perceber o papel dos traços de psicopatia nas relações de intimidade e no abuso de álcool. Os resultados obtidos indicaram que a associação entre psicopatia e a violência nas relações íntimas é semelhante em homens e mulheres. Num outro estudo realizado com rapazes universitários, onde se procurou perceber a relação entre os traços de psicopatia e a perpetração da agressão sexual, conclui-se que os traços de psicopatia ajudavam a compreender a perpetração da agressão sexual, ajudando a distinguir perpetradores de não perpetradores (Mouilso & Calhoun, 2012).

Assim, a psicopatia parece ser um preditor de violência e da análise deficitária dos riscos que advém do nosso comportamento (DeLisi & Piquero, 2011). Este aspeto parece favorecer a adoção de comportamentos de abuso cibernético, neste sentido é fundamental aprofundar os conhecimentos científicos nesta área para uma melhor compreensão dos problemas e para o desenvolvimento de medidas de prevenção e promoção de relações íntimas mais saudáveis e positivas.

## **Capítulo II. Estudio Empírico**

## **1. Objetivos do estudo**

### **1.1. Tipo de estudo**

O presente estudo é de tipo quantitativo, transversal e correlacional, uma vez que se pretende explorar e determinar a existência de relações entre variáveis, através de técnicas estatísticas, com a finalidade de as descrever.

### **1.2. Objetivos**

O principal objetivo do presente estudo é caracterizar a prevalência do uso problemático da internet e do abuso cibernético nas relações de namoro dos jovens adultos, procurando perceber de que forma estas variáveis se relacionam com os traços de psicopatia.

Mais especificamente pretende-se:

1. Descrever e caracterizar o uso problemático da internet;
2. Descrever e caracterizar a prevalência do abuso cibernético nas relações de namoro de jovens adultos:
  - 2.1. Em termos de vitimação e perpetração;
  - 2.2. Ao nível do sexo;
3. Analisar de que forma é que o uso problemático de internet e a existência de traços de psicopatia predizem a perpetração de abuso cibernético

## **2. Metodologia**

### **2.1. Participantes**

Participaram neste estudo 105 jovens com idades entre os 18 e os 29 anos (idade média de 23.2 [ $DP = 3.65$ ]), dos quais 81% ( $n = 85$ ) é do sexo feminino e 19% ( $n = 20$ ) do sexo masculino. Ao nível da escolaridade constata-se que 4.8% ( $n = 5$ ) completou o ensino básico, 52.4% ( $n = 55$ ) terminou o ensino secundário, 24.8% ( $n = 26$ ) são licenciados e 18.1% ( $n = 19$ ) têm mestrado. Atendendo à caracterização da situação profissional, 43.8% ( $n = 46$ ) dos participantes é estudante e não possuiu qualquer ocupação profissional, 41% ( $n = 43$ ) encontra-se a trabalhar a tempo inteiro, 12.4% ( $n = 13$ ) têm um trabalho a tempo parcial e 2.9% ( $n = 3$ ) tem um trabalho ocasional. Setenta e cinco por cento dos participantes ( $n = 79$ ) residem na Ilha da Madeira, 23.8% ( $n = 25$ ) reside em diferentes regiões de Portugal continental e 1% ( $n = 1$ ) reside no Reino Unido. Quanto à situação relacional, 76.2% ( $n = 80$ ) dos inquiridos afirmou estar numa

relação de namoro no momento em que preencheram o questionário, sendo que o tempo médio de relacionamento era de 39.95 meses ( $DP = 37.94$ ). Os restantes 23.8% ( $n = 25$ ) não se encontravam numa relação, mas tinham tido um relacionamento no passado, cuja duração média foi de 24.68 meses ( $DP = 24.42$ ). No que respeita à existência de filhos, verificamos que grande parte da amostra, 93.3% ( $n = 98$ ) não tem filhos. Os dados relativos ao agregado familiar mostram que 65.7% ( $n = 69$ ) dos participantes vive com a família, 21.9% ( $n = 23$ ) vive com o namorado(a)/companheiro(a), 6.7% ( $n = 7$ ) vive sozinho e 5.7% ( $n = 6$ ) vive com amigos ou colegas. Por fim, no que diz respeito à perceção do nível socioeconómico dos participantes constata-se que 2.9% ( $n = 3$ ) considerou ter um nível socioeconómico baixo, 30.1% ( $n = 40$ ) referiu enquadrar-se num nível socioeconómico médio baixo, 48.6% ( $n = 51$ ) considerou pertencer ao nível socioeconómico médio, 9.5% ( $n = 10$ ) refere enquadrar-se num nível socioeconómico médio alto e apenas 1% ( $n = 1$ ) considerou situar-se num nível socioeconómico alto.

## 2.2. Instrumentos

Foram utilizados quatro instrumentos/questionários: (a) um questionário de dados sociodemográficos, com o objetivo de recolher informações sobre sexo, idade, nível de escolaridade, situação profissional, situação relacional, informação sobre formas e veículos de comunicação, entre outros; (b) o Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN; versão original: Borrajo et al., 2015; versão portuguesa: Caridade & Braga, 2019), com o intuito de caracterizar a prevalência do abuso cibernético nas relações de namoro dos jovens adultos, avaliando a reciprocidade do mesmo (relativo à vitimação e perpetração) e as diferenças entre o sexo; (c) Escala do Uso Generalizado Problemático da Internet 2 (EUGPI-2; versão original: Caplan, 2010; versão portuguesa: Pontes et al., 2016), com o objetivo de identificar a existência do uso problemático da internet; e (d) a *The Levenson Self-Report Psychopathy Scale* (LSRPS; versão original: Levenson et al., 1995; versão portuguesa: Barbosa et al., 2014), com vista a analisar a relação que existe entre o abuso cibernético nas relações de namoro, o uso problemático da internet e a existência de traços de psicopatia.

**Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN, versão original: Borrajo et al., 2015; versão portuguesa: Caridade & Braga, 2019).** É uma medida de autorrelato que avalia a existência de abuso cibernético nas relações de namoro. É formada por 40 itens (20 itens para estimar o indicador de vitimação e 20 itens para estimar o indicador de perpetração). Os itens distribuem-se por quatro dimensões,

nomeadamente: (1) agressão direta – vitimação (e.g., “O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já ameaçou agredir-me fisicamente através das novas tecnologias”), (2) agressão direta – perpetração (e.g., “Eu já enviei mensagens a insultar e/ou humilhar o(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a), utilizando as novas tecnologias”), (3) controlo – vitimação (e.g., “O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já acedeu aos conteúdos do meu telemóvel sem a minha permissão”) e (4) controlo-perpetração (e.g., “Eu já controlei as amizades das redes sociais do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a)”) (Borrajo et al., 2015 cit in Caridade & Braga, 2019). As respostas são dadas numa escala de tipo *Likert* de 6 pontos (1 – Nunca; 2 – Não, no último ano, mas já aconteceu anteriormente; 3 – Raramente: 1 ou 2 vezes; 4 – Às vezes: entre 3 a 10 vezes; 5 – Frequentemente: entre 11 a 20 vezes; e 6 – Muitas vezes: mais de 20 vezes). O instrumento pode ser administrado individualmente ou em grupo (com duração aproximada entre 10 a 15 minutos). O estudo de adaptação para a população portuguesa revelou boas características psicométricas, verificando-se uma boa consistência interna, obtendo-se valores de alfa de *Cronbach* entre .84 e .91. No presente estudo os valores de consistência interna revelaram-se razoáveis a bons, à exceção da dimensão agressão direta – perpetração que deve ser analisada no presente estudo com alguma cautela (Pestana & Gageiro, 2003): agressão direta – vitimação  $\alpha = .64$ ; agressão direta – perpetração  $\alpha = .25$ ; controlo – vitimação  $\alpha = .90$ ; e controlo – perpetração  $\alpha = .86$ ; e escala completa  $\alpha = .91$ .

**Escala de Uso Generalizado Problemático da Internet (EUGPI-2, versão original: Caplan, 2010; versão portuguesa de Pontes, Caplan & Griffiths, 2016).** Trata-se de uma escala de autorrelato multidimensional constituída por 15 itens. Avalia os comportamentos, o grau das cognições generalizadas sobre o uso problemático da internet e as consequências negativas experienciadas pelo indivíduo. A EUGPI-2 avalia 4 dimensões: (1) preferência pela interação social *online* (e.g., “Prefiro a interação social on-line em relação à comunicação face-a-face”), (2) regulação do humor (e.g., “Usei a internet para me sentir melhor quando estava em baixo”), (3) uso compulsivo da internet (e.g., “Perdi compromissos ou atividades sociais por causa do meu uso da internet”) e (4) consequências negativas (e.g., “O meu uso da internet causou problemas na minha vida”). A validação portuguesa da EUGPI-2 revelou boas características psicométricas apresentando valores de alfa de *Cronbach* variáveis entre .80 e .86. No presente estudo esses valores foram semelhantes aqueles obtidos no estudo original, nomeadamente: preferência pela interação social *online*  $\alpha = .70$ ; regulação do humor  $\alpha = .88$ ;

autorregulação deficiente  $\alpha = .83$ ; e consequências negativas  $\alpha = .72$ ; e escala completa  $\alpha = .87$ . Desta forma, a escala EUGPI-2 reúne condições de fiabilidade que permitem a sua utilização no presente estudo.

***The Levenson Self-Report Psychopathy Scale (LSRPS, versão original: Levenson et al., 1995; versão portuguesa: Barbosa et al., 2014)***. É o instrumento mais utilizado na avaliação da psicopatia na população geral (Camacho et al., 2011), avaliando as características psicopáticas, como atitudes e crenças, em amostras não clínicas (Ribes et al., 2011). É constituída por 26 itens de autorrelato, que são avaliados através de uma escala *Likert*, entre 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente). Os itens estão divididos em duas subescalas: (1) psicopatia primária (dimensão cognitiva), composta por 16 itens onde está presente o egoísmo, a insensibilidade, a manipulação e a indiferença (e.g., “No mundo de hoje, sinto-me autorizado a fazer tudo o que puder levar avante para ter sucesso na vida”) e (2) psicopatia secundária (dimensão comportamental e antissocial), composta por 10 itens onde se encontra a impulsividade, o controlo comportamental e uma atitude autodestrutiva (e.g., “Não planifico nada com muita antecedência”) (Coelho et al., 2010). Esta escala centra-se na componente interpessoal, afetiva e de desvio social da psicopatia. Relativamente às propriedades psicométricas, possui um  $\alpha = .898$  na escala total, sendo que na subescala psicopatia primária o  $\alpha = .929$  e na subescala psicopatia secundária  $\alpha = .636$ . No presente estudo os valores de alfa de *Cronbach* foram ligeiramente inferiores ao original, mas possíveis de analisar para fins de investigação (Pestana & Gageiro, 2003): escala completa  $\alpha = .77$ , psicopatia primária  $\alpha = .73$  e psicopatia secundária  $\alpha = .56$ .

### **2.3. Procedimentos**

Solicitou-se a autorização para a utilização dos instrumentos neste estudo aos respetivos autores (no caso da escala EUGPI-2 não foi necessário, uma vez que o instrumento se encontra disponível *online*). A autorização aos outros dois instrumentos (CibAN e LSRPS) foi feita através de email, tendo-se obtida resposta positiva (cf. Anexo 1 e Anexo 2). Inicialmente, pretendia-se realizar uma recolha em formato misto (*online* e papel e lápis) junto de jovens adultos, no entanto, as restrições levantadas no âmbito da pandemia COVID-19 obrigaram a que a recolha fosse realizada totalmente *online*, aspeto que, em parte, justifica o reduzido tamanho da amostra.

Desta forma, disponibilizaram-se os questionários numa plataforma *online* (*Google Docs*). O *link* dos questionários foi divulgado nas redes sociais (*Facebook*, *WhatsApp* e *LinkedIn*), juntamente com o convite à participação no projeto de investigação (cf. Anexo

3) que continha uma breve descrição do estudo, relativamente aos seus objetivos, aos critérios de inclusão, à natureza voluntária da resposta e à confidencialidade e anonimato dos dados. Foi informado que o tempo médio de preenchimento do protocolo seria de aproximadamente 15 minutos, sendo a participação na investigação de natureza voluntária. Qualquer pessoa poderia participar na investigação, desde que cumprisse os seguintes critérios de inclusão: (1) esteja, ou tenha estado, numa relação de namoro, (2) tenha entre 18 e 29 anos e (3) que faça uso das tecnologias de informação e comunicação. A confidencialidade dos dados foi totalmente garantida, respeitando as diretrizes constantes no Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP, 2011).

Por último, foi apresentado o consentimento informado (cf. Anexo 3), onde os participantes só poderiam avançar para o preenchimento dos questionários depois de concordarem com a participação no estudo. Os questionários estiveram disponíveis *online* entre abril de 2020 e maio de 2020.

#### **2.4. Análise Estatística**

A análise de dados foi efetuada com recurso ao Programa *Statistical Package for Social Sciences* for Windows (IBM-SPSS versão 25). Para a descrição da amostra e o estudo de alguns dados relativos ao comportamento dos participantes *online*, recorreu-se à estatística descritiva, nomeadamente o cálculo de média, desvio-padrão, máximos e mínimos. De forma a escolher os procedimentos estatísticos mais adequados, foi efetuada a análise da normalidade da distribuição e da homogeneidade das variâncias. Os resultados indicaram que apenas as variáveis LSRPS total, psicopatologia primária e psicopatologia secundária (dimensões do questionário *Levenson Self-Report Psychopathy Scale*) cumpriam os pressupostos da distribuição normal e da homogeneidade das variâncias. Nas restantes variáveis, designadamente as subescalas do Questionário sobre Ciberabuso no Namoro e as subescalas da Escala de Uso Generalizado Problemático da Internet, verificou-se a violação dos critérios de normalidade. No entanto, tal poderá ocorrer em amostras grandes e, atendendo a isso e ao facto da amostra deste estudo ser constituída por um número superior a 30 participantes (Nunnally, 1978; Pallant, 2007), optamos pelo recurso a testes paramétricos.

Para a descrição e caracterização do abuso cibernético em termos de vitimação e perpetração optou-se por recorrer às técnicas de estatística descritiva, nomeadamente o cálculo da média, do desvio padrão, dos mínimos e dos máximos. Por sua vez, para o estudo da prevalência de abuso cibernético iniciou-se o procedimento por criar uma

variável dicotômica onde 0 representava a ausência de abuso cibernético e 1 representava a existência de abuso cibernético. Com base nos valores médios das dimensões do Questionário de Ciberabuso no Namoro, os valores iguais a 1 foram codificados como ausência de abuso cibernético e os valores superiores a 1 correspondiam a situações de abuso cibernético. Após a codificação, usaram-se técnicas de estatística descritiva como o cálculo de frequências relativas e absolutas.

Na análise de diferenças entre os valores médios das dimensões do Questionário sobre Ciberabuso no Namoro em função do sexo dos participantes recorreu-se ao teste de *Man-Whitney*. Optou-se pelo uso da técnica não paramétrica porque o número de participantes do género masculino foi inferior a 30 (Nunnally, 1978; Pallant, 2007).

Por fim, para o estudo da relação entre o abuso cibernético, o uso problemático da internet e a existência de traços de psicopatia foi realizada uma regressão múltipla linear.

### **3. Resultados**

#### **Objetivo 1: Descrever e caracterizar o uso problemático da internet**

##### **Veículos de comunicação**

Na tabela 1 encontram-se discriminadas as frequências e as percentagens das formas de comunicação usadas pelos participantes da amostra para manter contacto com o/a namorado/a. A análise da tabela revela que 87.6% ( $n = 92$ ) recorre a diferentes veículos de comunicação, enquanto 12.4% ( $n = 13$ ) afirmou recorrer apenas a um veículo de comunicação com o/a seu/sua namorado/a. As mensagens de telemóvel parece ser o meio de comunicação mais usados pelos participantes desta amostra para comunicarem com o namorado(a) (62.9%). Por sua vez, o *LinkedIn* não foi referido por nenhum participante, 7.6% expressaram usar outros meios de comunicação, nomeadamente a aplicação *Between*, *iMessage*, *Snapchat* e a videochamada. Houve ainda dois participantes que para outros meios de comunicação expressaram que gostavam de comunicar pessoalmente.

**Tabela 1***Formas de comunicação.*

	<b>n</b>	<b>%</b>
Mensagens de telemóvel	66	62.9
WhatsApp	59	56.2
Messenger do <i>Facebook</i>	54	51.4
<i>Instagram</i>	50	47.6
Chamadas de telemóvel	31	36.2
LinkedIN	0	0
Outras	8	7.6

**Tempo diário de uso de dispositivos com acesso à internet**

Pretendeu-se saber o tempo que os participantes desta amostra passam na internet e o tempo que gastavam a falar com os/as namorados/as através das ferramentas disponíveis *online*. Para facilitar a análise dos dados, dividimos o tempo passado em quatro grupos de horas, como é possível ver na Tabela 2.

Analisando os dados obtidos, verificamos que os participantes desta amostra passavam, em média, 6.67 horas ( $DP = 3.34$ ) a usar dispositivos com acesso à internet. Quando analisamos os dados por grupos de horas, conseguimos perceber que mais de metade dos inquiridos, 57.8% ( $n = 59$ ) passava mais de 5 horas na internet. Relativamente ao número de horas que os participantes usavam para falar com o namorado constatamos que a média se situa nas 3.43 horas ( $DP = 3.2$ ). Observando os dados por grupo de horas, constatamos que 32.7% ( $n = 33$ ) dos inquiridos afirmou passar uma hora ou menos a falar com o/a namorado/a, 27.7% ( $n = 28$ ) falou com o/a namorado/a mais de uma hora e menos de três horas, 2% ( $n = 2$ ) usou as ferramentas eletrónicas para falar com o/a namorado/a mais de três horas e menos de 5 horas e cerca de 37.6% ( $n = 38$ ) falou com o/a namorado/a mais de cinco horas por via eletrónica.

**Tabela 2***Tempo dispensado na internet.*

	<b>n</b>	<b>%</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Min</b>	<b>Máx</b>
<b>Tempo de uso de dispositivos com acesso a internet (horas)</b>			6.67	3.34	1	16
[0-1]h	3	2.9				
]1-3]h	20	19.6				
]3-5]h	20	19.6				

Mais de 5h	59	57.8				
<b>Tempo a falar com o/a namorado/a (horas)</b>			3.43	3.2	0	16
[0-1]h	33	32.7				
]1-3]h	28	27.7				
]3-5]h	2	2				
Mais de 5h	38	37.6				

### **Estatística descritiva dos itens e subescalas do EUGPI-2**

Na tabela 3 é apresentada a estatística descritiva dos itens da EUGPI-2. Pela análise dos resultados obtidos conseguimos verificar que os itens com média mais elevada são: o item 2 “Usei a Internet para falar com outras pessoas quando me senti sozinho(a)” ( $M = 4.55$ ,  $DP = 2.02$ ) e o item 7 “Usei a Internet para me sentir melhor quando estava em baixo” ( $M = 4.46$ ,  $DP = 1.89$ ). Relativamente aos itens com média mais baixa, encontramos o item 10 “Perdi compromissos ou atividades sociais por causa do meu uso da Internet” ( $M = 1.56$ ,  $DP = 0.88$ ) e o item 1 “Prefiro a interação social *online* em relação à comunicação face-a-face” ( $M = 1.74$ ,  $DP = 1.35$ ).

**Tabela 3**

*Estatísticas descritivas dos itens da EUGPI-2.*

<b>Itens</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Min</b>	<b>Máx</b>
1.Prefiro a interação (...) à comunicação face-a-face.	<b>1.74</b>	1.35	1	7
2.Usei a Internet (...) quando me senti sozinho(a).	<b>4.55</b>	2.02	1	7
3.Quando não estou <i>online</i> (...) a ideia de me conectar.	2.38	1.53	1	7
4.Tenho dificuldade (...) tempo que passo <i>online</i> .	3.70	1.92	1	7
5.Tenho dificuldades (...) por causa da Internet.	2.10	1.36	1	6
6.Sinto-me mais confortável (...) a interação face-a-face.	2.30	1.62	1	7
7.Usei a Internet (...) quando estava em baixo.	<b>4.46</b>	1.89	1	7
8.Sentir-me-ia perdido(a) (...) Internet.	3.25	1.63	1	7
9.Sinto (...) uso da Internet.	3.19	1.80	1	7
10.Perdi compromissos (...) Internet.	<b>1.56</b>	0.88	1	5
11.Prefiro comunicar-me (...) face-a-face.	1.89	1.29	1	6
12.Usei a Internet (...) estava chateado(a).	4.33	1.86	1	7
13.Penso obsessivamente (...) na Internet.	1.86	1.24	1	7
14.Quando não estou na Internet (...) de me conectar.	2.9	1.44	1	7
15.O meu uso da Internet (...) na minha vida.	1.94	1.37	1	6

Na tabela 4 encontram-se os dados relativos à análise estatística descritiva das subescalas da Escala do Uso Generalizado Problemático da Internet, assim como o total da escala. As subescalas Regulação do humor ( $M = 4.45$ ,  $DP = 1.73$ ) e Autorregulação deficiente ( $M = 2.88$ ,  $DP = 1.18$ ) são aquelas que apresentam valores médios de resposta mais elevados, sugerindo que os participantes, tendencialmente, reponderam entre “Neutro” e “Concordo um pouco” nos itens que correspondem à Regulação do humor; e entre “Discordo” e “Discordo um pouco” nos itens que integram a subescala Consequências negativas. O total da escala apresenta uma média de 2.81 ( $DP = .93$ ).

**Tabela 4**

*Estatísticas descritivas da EUGPI-2.*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<b>Min</b>	<b>Máx</b>
<b>EUGPI-2 Total</b>	2.81	0.93	1.07	5
<b>Preferência pela interação social <i>online</i></b>	1.97	1.13	1	5.67
<b>Regulação do humor</b>	4.45	1.73	1	7
<b>Autorregulação deficiente</b>	2.88	1.18	1.17	5.67
<b>Consequências negativas</b>	1.90	0.98	1	5.33

## **Objetivo 2: Descrever e caracterizar a prevalência de abuso cibernético nas relações de namoro dos jovens adultos**

### **Em termos de vitimação e perpetração**

Na tabela 5 encontram-se os resultados dos estudos de estatística descritiva relativos ao Questionário de Ciberabuso no Namoro. Pela análise das médias percebemos que a tendência de resposta dos participantes desta amostra se situa entre o “Nunca” e o “Não, no último ano, mas já aconteceu anteriormente”. O valor médio mais alto surgiu na subescala de Perpetração-Controlo ( $M = 1.71$ ,  $DP = 0.790$ ) e o valor mais baixo correspondeu à subescala Perpetração – Agressão direta ( $M = 1.07$ ,  $DP = 0.124$ ).

**Tabela 5**

*Estatísticas descritivas do CibAN.*

		<i>M</i>	<i>DP</i>	<b>Min</b>	<b>Máx</b>
<b>Vitimação</b>	Total	1.36	0.489	1	3.30
	Agressão direta	1.12	0.240	1	2.64

	Controlo	1.67	0.889	1	5.56
<b>Perpetração</b>	Total	1.36	0.397	1	2.6
	Agressão direta	1.07	0.124	1	1.64
	Controlo	1.71	0.790	1	4.11

No que respeita à prevalência de abuso cibernético nas relações de namoro dos participantes desta amostra, verificamos que 62.9% relatou já ter experienciado pelo menos algum tipo de comportamento de abuso cibernético no namoro e 74.3% assumiu ter perpetrado pelo menos um ato deste tipo de abuso. Analisando os diferentes tipos de ciber violência medidos pelo instrumento, constatamos que a maioria dos/as participantes manifestou ter sofrido (61%) e praticado algum tipo de controlo íntimo (71.4%), com recurso ao uso das novas tecnologias. Relativamente à agressão direta, foram apurados indicadores de prevalência mais baixos, em termos de perpetração e vitimação, ambas com uma percentagem de 30.5% (cf. Tabela 6).

### **Tabela 6**

*Indicadores de prevalência dos diferentes tipos de abuso no namoro, através do CibAN.*

		<i>Frequência absoluta</i>	<i>Frequência relativa</i>
<b>Vitimação</b>	Total	66	62.9%
	Agressão direta	32	30.5%
	Controlo	64	61%
<b>Perpetração</b>	Total	78	74.3%
	Agressão direta	32	30.5%
	Controlo	75	71.4%

### **2.2. Ao nível do sexo**

Com o objetivo de perceber se existiam diferenças nos comportamentos de abuso cibernético nos participantes desta amostra, foi realizado o teste *Man-Whitney*. Os resultados, sintetizados na tabela 7, mostraram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as médias de homens e mulheres no que respeita aos comportamentos de abuso cibernético.

**Tabela 7**

*Diferença entre médias do CibAN em função do sexo (teste U de Mann-Whitney).*

Subescalas	Sexo	N	M	DP	U	p
Vitimação Total	Masculino	20	1.41	.482	703.00	.218
	Feminino	85	1.35	.493		
Perpetração Total	Masculino	20	1.33	.323	816.5	.782
	Feminino	85	1.36	.415		
Vitimação - Agressão	Masculino	20	1.11	.212	823.5	.791
	Feminino	85	1.12	.247		
Perpetração - Agressão	Masculino	20	1.05	.095	873.5	.814
	Feminino	85	1.07	.130		
Vitimação - Controle	Masculino	20	1.77	.851	710.5	.240
	Feminino	85	1.64	.900		
Perpetração - Controle	Masculino	20	1.68	.640	811.5	.750
	Feminino	85	1.72	.824		

### **Objetivo 3: Analisar de que forma é que o uso problemático de internet e a existência de traços de psicopatia predizem a perpetração de abuso cibernético**

Para responder a este objetivo foi realizada uma regressão múltipla linear. Iniciou-se a análise pelo estudo dos pressupostos. Os valores de tolerância apresentam um valor inferior .10 e os valores de VIF estão abaixo de 10 o que demonstra a ausência de problemas de multicolinearidade. A análise *Normal Probability Plot* (P-P) permite-nos afirmar que os dados desta amostra respeitam uma distribuição normal.

Os resultados obtidos na regressão linear demonstram que apenas 12% da variância da perpetração do abuso cibernético é explicada pelas variáveis do uso problemático da internet e dos traços de psicopatia, sendo que este modelo é marginalmente significativo [F (6, 98) = 2.227, p=.047,  $\Delta R^2 = .12$ ]. Olhando especificamente para as variáveis independentes, os valores demonstram que nenhuma delas é uma preditora estatisticamente significativa do modelo (cf. Tabela 8).

**Tabela 8**

*Regressão linear para a variável dependente: perpetração de abuso cibernético.*

Perpetração de abuso cibernético				
$(\Delta R^2 = .12, F(6, 98) = 2.227, p = .047)$				
	B	SE B	$\beta$	<i>p</i>
Constante	.951	.246	-	.000
Interação social <i>online</i>	-.065	.037	-.184	.086
Regulação do humor	-.019	.026	.083	.457
Autorregulação deficiente	.020	.049	.058	.687
Consequências negativas	.049	.057	.120	.395
Psicopatologia primária	-.005	.009	-.063	.583
Psicopatologia secundária	.021	.014	.202	.123

### **Capítulo III. Conclusões**

## 1. Discussão

O principal objetivo deste estudo foi a caracterização da prevalência do uso problemático da internet e do abuso cibernético nas relações de namoro dos jovens adultos e procurar compreender de que forma estas variáveis se relacionam com os traços de psicopatia. Este objetivo geral foi operacionalizado através da resposta a objetivos mais específicos que serão analisados de forma mais pormenorizada.

Analisando o uso da internet por parte dos participantes desta amostra (objetivo 1), os resultados sugerem que os jovens usam as tecnologias de informação e comunicação para estabelecerem contactarem uns com os outros. As mensagens de telemóvel, o *WhatsApp* e o *Messenger do Facebook* figuram como os recursos preferenciais de comunicação para os jovens desta amostra. Este resultado acompanha as tendências de estudos anteriormente desenvolvidos, onde o recurso às redes para manter a comunicação com os amigos próximos fazia parte do quotidiano dos jovens (Matos & Social, 2018). O tempo passado *online* pelos participantes desta amostra parece revelar uma tendência para estar *online* durante muitas horas do dia. Nesta amostra mais de metade dos inquiridos revelou que passava mais de cinco horas *online*, valor este que é superior ao tempo médio identificado noutros estudos (Pontes et al., 2016). O tempo dispensado na internet para falar com o namorado/a apresenta, para estes participantes, um valor médio que corresponde a metade do valor médio diário passado *online*. Talvez não sejam resultados muito surpreendentes atendendo à facilidade com que nos conseguimos conectar à internet. O desenvolvimento de *smatphones* e o seu uso maciço veio proporcionar novas formas de comunicação entre os jovens, além de terem facilitaram o acesso à internet e a todas as redes sociais. Esta facilidade parece criar nos jovens a necessidade de se manterem continuamente ligados e acessíveis no mundo virtual, funcionando, por vezes, como uma forma compensatória da falta de apoio social e de escapar dos problemas e da realidade (Leung, 2011). Assim, é possível olhar para a internet como uma forma dos jovens desenvolverem as suas relações pessoais, onde as redes sociais parecem ter um impacto positivo no seu bem-estar e na sua autoestima (Mackson et al., 2019; Naeemi et al., 2014). Mas por outro lado, a internet pode ser a origem de vários problemas que prejudicam a saúde mental (Jelenchick et al., 2013). É a forma como os jovens escolhem relacionar-se com as redes e com a internet que irá determinar os efeitos que as mesmas terão na sua saúde mental e nas relações pessoais que alimentam.

Reconhecer a internet como um meio de comunicação que os jovens privilegiam de modo a manter os seus contactos e uma fonte de suporte é também reforçada pela análise

descritiva dos itens da EUGPI-2, uma vez que os itens com valor médio de resposta mais elevado foram “Usei a internet para falar com outras pessoas quando me senti sozinho” e “Usei a internet para me sentir melhor quando estava em baixo”. Para estes itens, a tendência de resposta dos sujeitos desta amostra situa-se em “concordo um pouco”. Por outro lado, os itens com valor médio mais baixo de resposta, indicativo da discordância destes participantes, sugerem que os jovens preferem as interações face-a-face. Esta tendência também se reflete nos valores médios das subescalas do EUGPI-2. Assim, é a subescala da Regulação do humor que apresenta o valor médio mais elevado, ou seja, os jovens desta amostra parecem usar as TIC como uma ferramenta para a regulação das suas emoções. Este é um elemento importante e que merece uma análise cautelosa. Recorrer à internet como forma de suprimir algumas das necessidades emocionais poderá ter um efeito inverso ao pretendido, tal como os resultados obtidos no estudo recente de Prievera et al. (2019). Estes investigadores desenvolveram um estudo com jovens entre os 14 e os 24 anos, verificando-se relações entre o uso problemático da internet e uma maior necessidade de pertença, maior timidez e maior solidão. Por outro lado, a solidão pareceu ter um papel mais decisivo no desenvolvimento de comportamentos problemáticos no uso da internet.

É num contexto problemático do uso da internet que podem surgir situações de abuso cibernético. Olhando em primeiro lugar para os resultados relativos à prevalência do abuso cibernético para esta amostra, verificaram-se valores elevados de vitimação (62.9%) e perpetração (74.3%). Estes valores obtidos são mais elevados comparativamente aos resultados obtidos do estudo de Caridade e Braga (2019) e seguem a tendência dos resultados obtidos em estudos internacionais (Stonard et al., 2017; Ouytsel et al., 2016). Analisando mais especificamente os tipos de abuso, verificamos que a vitimação e a perpetração por controlo apresentam os valores mais elevados, 61% e 71.4% respetivamente, quando comparados com a vitimação e perpetração por agressão direta, 30.5% para ambas as dimensões, tal como aconteceu no estudo de Borrajo e colaboradores (2015) e Caridade e Braga (2019). Se analisarmos os resultados obtidos em estudos internacionais em que a taxa de prevalência deste tipo de abuso se situava abaixo dos 50% (Burke et al., 2011; Zweig et al., 2013), é fácil perceber a tendência de aumento deste tipo de comportamentos, o que levanta sérias preocupações sobre o comportamento dos jovens *online*. No fundo, estes resultados parecem estar relacionados uma certa normalização nos comportamentos de abuso cibernético relacionados com o controlo (e.g., envio constante de mensagens, vigilância), que os jovens acham aceitável

e que, em muitas situações, estes comportamentos de controlo são entendidos como um sinal de amor e de interesse pelo outro (Ameral et al., 2017). Devido ao alcance dos meios virtuais, às publicações que são feitas e aos comentários que lhe sucedem é possível que surjam mais sentimentos relacionados com o ciúme e, conseqüentemente, os jovens se vejam mais tentados a controlar o comportamento do seu parceiro.

No estudo das diferenças entre as dimensões do abuso cibernético em função do sexo não encontramos diferenças estatisticamente significativas em rapazes e raparigas. Os estudos não são congruentes relativamente a este aspeto. Se por um lado existem estudos que alertam para diferenças no comportamento de abuso cibernético entre rapazes e raparigas (García-Sánchez et al., 2017) existem outros que não as identificam (Borrajo et al., 2015; Piquer et. al, 2017). No fundo, ambos os sexos, em algum momento da sua relação podem já ter experienciado algum tipo de situação de vitimação e perpetração, assim como terem sido eles a perpetuar esse abuso. Este elemento torna-se fundamental no momento de desenhar intervenções para a prevenção de comportamentos violentos e de abuso cibernético, uma vez que implica pensar em metodologias que previnam situações de vitimação e perpetração em jovens de ambos os sexos (Borrajo et al., 2015). A democratização do uso das redes sociais, a facilidade com que através de um *smartphone* se acede à internet e se fazem publicações nas redes sociais e a menor exposição na comunicação *online* são elementos que podem favorecer este tipo de condutas menos positivas nos relacionamentos íntimos entre jovens adultos.

Por fim, os dados obtidos para responder ao último objetivo revelaram que o uso problemático da internet, conjugado com os traços de personalidade explicam pouco a perpetração de abuso cibernético. Ainda são escassos os estudos que relacionam traços de psicopatia com abuso cibernético e este aspeto dificulta a nossa interpretação dos resultados aqui obtidos. Por outro lado, poderão existir outras variáveis que expliquem melhor os comportamentos de perpetração por abuso cibernético. No estudo de Okano e colaboradores (2016) sobre a violência nas relações íntimas, os resultados deixam evidências sobre a influência dos traços de psicopatia na violência em relações de intimidade íntima. Porém, quando nos referimos ao abuso cibernético, estamos a considerar uma forma de abuso com características muito particulares e onde alguns comportamentos desajustados não são reconhecidos pelos jovens como abuso, nomeadamente os que estão associados a formas de controlo.

Contudo, quando olhamos para estudos do *cyberbullying* existem elementos que poderão servir de inspiração para compreender a complexa realidade que é o abuso

cibernético. Num estudo realizado com jovens universitários com o objetivo de analisar a associação entre a perpetração do cyberbullying, o uso problemático das redes sociais, os traumas emocionais infantis, os traços de personalidade, as experiências dissociativas, a depressão e a autoestima verificou-se que os perpetradores de cyberbullying apresentavam pontuações mais elevadas no uso problemático das redes sociais, nas experiências dissociativas, no comportamento antissocial, nos traços de personalidade narcisista, na trauma emocional e nas características depressivas. Os perpetradores também apresentavam valores mais baixos de autoestima (Kircaburun et al., 2020). Considerando estes resultados, é importante refletir se os traços de personalidade, por si só, têm a capacidade de explicar os comportamentos de perpetração. Talvez, eles estejam interligados com outras características da personalidade e das vivências pessoais de cada um e é nessa conjugação que eles interferem na explicação de determinados comportamentos. Neste sentido, em estudos futuros, poderá ser importante adicionar outras variáveis (e.g., sintomatologia depressiva, a exposição a experiências adversas ou presença de comportamentos de risco) com o objetivo de perceber se a conjugação entre estas variáveis tem um maior poder explicativo da realidade comparativamente à sua ação isolada.

O interesse em conhecer os fatores de risco associados à violência nas relações de intimidade conduziu Smith e colaboradores (2015) a analisarem um conjunto de dados longitudinais do estudo *Rochester Youth Development Study*, com uma amostra representativa de 1000 adolescentes. Aquilo que eles verificaram é que a violência nas relações de intimidade é melhor compreendida através de uma visão ecológica, ou seja, entender a violência íntima implica olhar para diferentes áreas da vida dos jovens, nomeadamente, antecedentes desfavorecidos, problemas nas relações entre pais e filho e nas relações com os pares, stress e comportamentos antissociais. Neste sentido, centrar a compreensão da perpetração por abuso cibernético no uso problemático da internet e nos traços de psicopatia poderá ter-se revelado insuficiente, uma vez que poderão existir outras variáveis que expliquem melhor este tipo de comportamentos.

## **2. Conclusão**

Os jovens recorrem aos de meios de comunicação digitais, como por exemplo as redes sociais e os telemóveis, para se conectarem com os outros e, assim, satisfazer necessidades de pertença a algo, de ser amado e fazer parte de um grupo social que os caracterize (Kim et al., 2016). O recurso a estas tecnologias facilita a comunicação, a partilha de interesses comuns e a obtenção de diferentes tipos de apoio. Neste sentido, ao mesmo tempo que se assiste ao desenvolvimento das TIC e à sua inserção no meio social, o abuso digital ganha destaque no seio das relações íntimas (Cavalcanti & Coutinho, 2019).

O forte recurso às redes como forma de comunicação foi evidente nos resultados deste estudo. Os jovens que participaram apontaram as aplicações móveis como uma ferramenta muito usada para manterem a comunicação com o respetivo parceiro. Quando analisadas as diferenças relativamente aos comportamentos de abuso cibernético ao nível do sexo, não se verificam diferenças significativas. Este resultado não é incomum, uma vez que o mesmo já sucedeu noutros estudos. No fundo, reforça a transversalidade deste tipo de violência onde homens e mulheres podem ser vítimas e agressores. Numa perspetiva de intervenção e de sensibilização para a problemática, este resultado demonstra a necessidade de se realizarem programas para ambos os sexos e com foco numa diversidade de comportamentos que se relacionam quer com a perpetração quer com a vitimação.

Considerando os resultados deste estudo e dos estudos apresentados ao longo deste trabalho é perceptível o aumento da prevalência de comportamentos de perpetração e de vitimação por abuso cibernético. Neste contexto, temos vítimas expostas a uma maior vulnerabilidade e agressores fisicamente ausentes que, protegidos pelos ecrãs, se sentem imunes. É urgente sensibilizar os jovens para as implicações deste tipo de violência íntima e quais as consequências para o bem-estar pessoal.

Os estudos alertam para uma explicação multifatorial dos comportamentos de abuso cibernético (Duerksen & Woodin, 2019; Kircaburun et al., 2020), ou seja existem diversos fatores que podem explicar a adoção de comportamentos de abuso com recurso às tecnologias. Na impossibilidade de os condicionar todos num estudo é fundamental ir criando algumas interligações para perceber a implicação dos mesmos nos comportamentos em estudo. Aqui conseguimos perceber que, por si só, os traços de psicopatia e o uso problemático da internet não têm grande poder explicativo dos comportamentos de perpetração de abuso cibernético. Em estudos futuros poderá ser

importante identificar algum fator de risco que, quando conjugado com estas variáveis possa contribuir para um novo olhar sobre o fenómeno em estudo.

A violência nas relações íntimas tem inúmeras implicações sociais que preocupam vários profissionais. Os estudos que nascem destas preocupações visam uma melhor compreensão da realidade para que se possam desenhar medidas de intervenção e promoção eficazes no combate a esta dura realidade. Neste sentido, este estudo apresenta um pequeno contributo nessa compreensão, uma vez que também possuiu algumas limitações que poderão ser colmatadas em estudos futuros. Assim, as principais limitações prendem-se com o tamanho e características da amostra. O desequilíbrio entre o número de participantes do sexo masculino e feminino limitam as conclusões que é possível retirar relativamente às diferenças entre géneros. A recolha de dados *online* poderá ter condicionado o tipo de pessoas que decidiu preencher a este questionário, ou seja, a possibilidade de recolher dados noutros contextos poderia ter permitido encontrar uma amostra com características sociodemográficas mais diversas e que permitissem uma outra compreensão da realidade. Por fim, não podemos excluir a desejabilidade social; muitos dos jovens que participaram poderiam responder de acordo com aquilo que achavam mais corretos e não de uma forma que deixasse transparecer a sua realidade.

### Referências Bibliográficas

- Amaral, I., Reis, B., Lopes, P., & Quintas, C. (2017). Práticas e consumos dos jovens portugueses em ambientes digitais. *Estudos Em Comunicacao*, 24, 107–131. <https://doi.org/10.20287/ec.n24.a06>
- Ameral, V., Palm Reed, K. M., & Hines, D. A. (2017). An Analysis of Help-Seeking Patterns Among College Student Victims of Sexual Assault, Dating Violence, and Stalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23–24), 5311–5335. <https://doi.org/10.1177/0886260517721169>
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Baggio, S., Studer, J., Iglesias, K., Daeppen, J. B., & Gmel, G. (2017). Emerging Adulthood: A Time of Changes in Psychosocial Well-Being. *Evaluation and the Health Professions*, 40(4), 383–400. <https://doi.org/10.1177/0163278716663602>
- Barbosa, F., Gonçalves, S., Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F., & Marques-Teixeira, J. (2014). *The Levenson Self-Report Psychopathy Scale (LSRPS): translation and adaptation to European Portuguese*. <https://core.ac.uk/download/pdf/302923527.pdf>
- Bennett, D. C., Guran, E. L., Ramos, M. C., & Margolin, G. (2011). College students' electronic victimization in friendships and dating relationships: Anticipated distress and associations with risky behaviors. *Violence and Victims*, 26(4), 410–429. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.26.4.410>
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, 116(2), 565–585. <https://doi.org/10.2466/21.16.PR0.116k22w4>
- Borrajo, Erika, Gámez-Guadix, M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015a). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in Human Behavior*, 48(May 2019), 358–365. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.063>
- Borrajo, Erika, Gámez-Guadix, M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015b). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in Human Behavior*, 48, 358–365. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.063>

- Breslau, J., Aharoni, E., Pedersen, E. R., & Miller, L. L. (2015). A Review of Research on Problematic Internet Use and Well-Being. *Rand Health Quarterly*, 5(1), 1–43. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28083373><http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=PMC5158253>
- Brown, B., & Larson, J. (2004). Peer Relationships in Adolescence. In L. Steinberg & R. Lerner (Eds.), *Handbook of Adolescent Psychology* (Vol. 1, pp. 697–719). John Wiley & Sons, Inc.
- Burke, S. C., Wallen, M., Vail-Smith, K., & Knox, D. (2011). Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior*, 27(3), 1162–1167. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.12.010>
- Calvete, E., Gámez-Guadix, M., Fernández-Gonzalez, L., Orue, I., & Borrajo, E. (2018). Maladaptive schemas as mediators of the relationship between previous victimizations in the family and dating violence victimization in adolescents. *Child Abuse and Neglect*, 81(April), 161–169. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.04.028>
- Caplan, S. E. (2002). Problematic Internet use and psychosocial well-being: Development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. *Computers in Human Behavior*, 18(5), 553–575. [https://doi.org/10.1016/S0747-5632\(02\)00004-3](https://doi.org/10.1016/S0747-5632(02)00004-3)
- Caplan, S. E. (2007). Relations among loneliness, social anxiety, and problematic internet use. *Cyberpsychology and Behavior*, 10(2), 234–242. <https://doi.org/10.1089/cpb.2006.9963>
- Caplan, S. E. (2010). Theory and measurement of generalized problematic Internet use: A two-step approach. *Computers in Human Behavior*, 26(5), 1089–1097. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.012>
- Caridade, S. M., & Braga, T. (2019a). The portuguese version of the cyber dating abuse questionnaire (Cdaq): Adapting and psychometric properties. *Análise Psicológica*, 37(1), 93–105. <https://doi.org/10.14417/ap.1543>
- Caridade, S. M., & Braga, T. (2019b). Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ) – Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): Adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicológica*, 37(1), 93–105. <https://doi.org/10.14417/ap.1543>
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas uma abordagem científica*. Almedina.
- Caridade, Sónia, & Barros, S. (2018). Violência Nas Relações Íntimas Juvenis E Ideação E Comportamentos Suicidas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 19(2), 323–336.

- Caridade, Sónia, & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485–493. <https://doi.org/10.14417/ap.541>
- Caridade, Sónia, & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91–113. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.244>
- Caridade, Sónia, Pedrosa e Sousa, H. F., & Dinis, M. A. P. (2020). Cyber and offline dating abuse in a portuguese sample: Prevalence and context of abuse. *Behavioral Sciences*, 10(10), 1–14. <https://doi.org/10.3390/BS10100152>
- Cartner-Snell, C. (2015). Youth dating violence: a silent epidemic. In M. Taylor & J. A. Pooley (Eds.), *Overcoming domestic violence* (Nova Scien, pp. 49–65).
- Cavalcanti, J. G., & Coutinho, M. da P. D. L. (2019). Abuso digital nos relacionamentos amorosos: uma revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 37(2), 235. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6888>
- Center for Disease Control and Prevention [CDC]. (2014). *Understanding teen dating violence*. <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-dating-violence-2014-a.pdf>
- Deans, H., & Bhogal, M. S. (2019). Perpetrating Cyber Dating Abuse: A Brief Report on the Role of Aggression, Romantic Jealousy and Gender. *Current Psychology*, 38(5), 1077–1082. <https://doi.org/10.1007/s12144-017-9715-4>
- DeLisi, M., & Piquero, A. R. (2011). New frontiers in criminal careers research, 2000–2011: A state-of-the-art review. *Journal of Criminal Justice*, 39(4), 289–301. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2011.05.001>
- Duerksen, K. N., & Woodin, E. M. (2019). Cyber Dating Abuse Victimization: Links With Psychosocial Functioning. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–29. <https://doi.org/10.1177/0886260519872982>
- Durán, M., & Martínez, R. (2015). Ciberacoso mediante teléfono móvil e Internet en las relaciones de noviazgo entre jóvenes. *Comunicar*, XXII(44), 159–167. <https://doi.org/10.3916/C44-2015-17>
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rothman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics*, 131(1), 71–78. <https://doi.org/10.1542/peds.2012-1029>
- Facio, A., Resett, S., Micocci, F., Rasch, L., & Iglesia, F. (2012). Las relaciones amorosas a comienzos de la adultez emergente. Algunos antecedentes y correlatos de la

- satisfacción con la pareja. *Investigaciones En Psicología*, 17(2), 49–62.
- Faia, J., Caridade, S., & Cardoso, J. (2016). Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: Que relação? *Psychologica*, 59(1), 7–23. <https://login.ezproxy.uniroma1.it/login?url=https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=psyh&AN=2017-05439-001&lang=it&site=eds-live&scope=site%0Ahttp://jorgecardoso.psi@gmail.com%0Ahttp://soniac@ufp.edu.pt%0Ahttp://joanacfaias@gmail.com>
- Feng, S., Wong, Y. K., Wong, L. Y., & Hossain, L. (2019). The Internet and Facebook Usage on Academic Distraction of College Students. *Computers and Education*, 134(October 2018), 41–49. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2019.02.005>
- Finchman, F., & Cui, M. (2011). Emerging adulthood and romantic relationships. An introduction. In F. Finchman & M. Cuis (Eds.), *Romantic relationships in emerging adulthood* (pp. 3–12).
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital en relaciones afectivo-sexuales: Un análisis bibliográfico. *Cadernos de Saude Publica*, 33(7). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00138516>
- Franco, C., & Costa De Lemos, R. (2019). *Uso Problemático Da Internet E Das Redes Sociais: Relação Com a Regulação Da Satisfação Das Necessidades Psicológicas E a Saúde Mental*. <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/41657>
- Gámez-Guadix, M., Orue, I., Smith, P. K., & Calvete, E. (2013). Longitudinal and reciprocal relations of cyberbullying with depression, substance use, and problematic internet use among adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 53(4), 446–452. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.03.030>
- García-Sánchez, P. V., Guevara-Martínez, C., Rojas-Solís, J. L., Peña-Cárdenas, F., & González Cruz, V. G. (2017). Apego Y Ciber-Violencia En La Pareja De Adolescentes. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicología.*, 2(1), 541. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.879>
- Gómez, Y. F., Méndez-Valdivia, M., Izquierdo, M. C., Muñiz, C. L., Díaz, J. R., Herrero, J., & Coto, E. E. (2002). Mujeres maltratadas por sus parejas masculinas. In *Psicothema* (Vol. 14, Issue SUPPL., pp. 130–138).
- Gras, R. M., & Ruiz, E. E. (2012). Adolescentes y tecnologías de la información y la comunicación en España. *OBETS. Revista de Ciencias Sociales*, 7(1), 109–122. <https://doi.org/10.14198/obets2012.7.1.05>

- Griffiths, M. D. (2000). “Internet addiction: time to be taken seriously?” *Addiction Research*, 8(5), 413–418.
- Hamby, S., & Turner, H. (2013). Measuring teen dating violence in males and females: Insights from the national survey of children’s exposure to violence. *Psychology of Violence*, 3(4), 323–339. <https://doi.org/10.1037/a0029706>
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4(February), 217–246. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452>
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2010). Psychopathy : Assessment and Forensic Implications Final draft of a chapter that appeared in L . Malatesti & J . McMillan ( Eds ). ( 2010 ). Responsibility and Psychopathy : Interfacing Law , Psychiatry and Philosophy ( pp . 93-123 ). New York : Oxford Un. *Philosophy*, 93–123.
- Heine, J. A. (2020). *perpetração de violência no namoro na adolescência*. 23, 438–448.
- Henin, A., & Berman, N. (2016). The Promise and Peril of Emerging Adulthood: Introduction to the Special Issue. *Cognitive and Behavioral Practice*, 23(3), 263–269. <https://doi.org/10.1016/j.cbpra.2016.05.005>
- Hill, J. M., & Bosick, S. J. (2017). “Boomeranging” and Delinquent Behavior in Emerging Adulthood: A Person-Centered Approach to Studying Role Change. *Emerging Adulthood*, 5(6), 417–430. <https://doi.org/10.1177/2167696817701049>
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2011). Electronic dating violence: A brief guide for educators and parents. *Cyberbullying Research Center*, 1–5. [www.cyberbullying.us](http://www.cyberbullying.us)
- Hunt, J., & Eisenberg, D. (2010). Mental Health Problems and Help-Seeking Behavior Among College Students. *Journal of Adolescent Health*, 46(1), 3–10. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.08.008>
- Jelenchick, L. A., Eickhoff, J. C., & Moreno, M. A. (2013). Facebook depression? social networking site use and depression in older adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 52(1), 128–130. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.05.008>
- Jennings, W. G., Okeem, C., Piquero, A. R., Sellers, C. S., Theobald, D., & Farrington, D. P. (2017). Dating and intimate partner violence among young persons ages 15–30: Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 33, 107–125. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.007>
- Kim, Y., Wang, Y., & Oh, J. (2016). Digital Media Use and Social Engagement: How Social Media and Smartphone Use Influence Social Activities of College Students. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 19(4), 264–269.

<https://doi.org/10.1089/cyber.2015.0408>

- Kircaburun, K., Demetrovics, Z., Király, O., & Griffiths, M. D. (2020). Childhood Emotional Trauma and Cyberbullying Perpetration Among Emerging Adults: A Multiple Mediation Model of the Role of Problematic Social Media Use and Psychopathology. *International Journal of Mental Health and Addiction, 18*(3), 548–566. <https://doi.org/10.1007/s11469-018-9941-5>
- Leung, L. (2011). Loneliness, social support, and preference for *online* social interaction: The mediating effects of identity experimentation *online* among children and adolescents. *Chinese Journal of Communication, 4*(4), 381–399. <https://doi.org/10.1080/17544750.2011.616285>
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing Psychopathic Attributes in a Noninstitutionalized Population. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*(1), 151–158. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.1.151>
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica, 33*, 69–83.
- Machado, Carla, Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a portuguese sample. *Journal of Family Violence, 25*(1), 43–52. <https://doi.org/10.1007/s10896-009-9268-x>
- Mackson, S. B., Brochu, P. M., & Schneider, B. A. (2019). Instagram: Friend or foe? The application's association with psychological well-being. *New Media and Society, 21*(10), 2160–2182. <https://doi.org/10.1177/1461444819840021>
- Marganski, A., & Melander, L. (2015). Intimate Partner Violence Victimization in the Cyber and Real World: Examining the Extent of Cyber Aggression Experiences and Its Association With In-Person Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence, 33*(7), 1–25. <https://doi.org/10.1177/0886260515614283>
- Martínez-Álvarez, J. L., Fuertes-Martín, A., Orgaz-Baz, B., Vicario-Molina, I., & González-Ortega, E. (2014). Vínculos afectivos en la infancia y calidad en las relaciones de pareja de jóvenes adultos: El efecto mediador del apego actual. *Anales de Psicología, 30*(1), 211–220. <https://doi.org/10.6018/analesps.30.1.135051>
- Matos, M. G. de, Gaspar, T., Guedes, F. B., Tomé, G., & Branquinho, C. S. dos S. (2019). Os adolescentes portugueses, a internet e as dependências tecnológicas. *Child and Adolescent Psychology / Revista de Psicologia Da Criança e Do Adolescente, 10*(1), 173–185.
- Matos, M., & Social, E. A. (2018). *A saúde dos adolescentes portugueses após a*

*recessão. Relatório Do estudo Health Behaviour In School Aged Children (HBSC) Em 2018 (ebook).*

- Melander, L. A. (2010). College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, *13*(3), 263–268. <https://doi.org/10.1089/cyber.2009.0221>
- Moffitt, T. E., Caspi, A., Krueger, R. F., Magdol, L., Margolin, G., Silva, P. A., & Sydney, R. (1997). Do partners agree about abuse in their relationship? A psychometric evaluation of interpartner agreement. *Psychological Assessment*, *9*(1), 47–56. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.9.1.47>
- Mouilso, E. R., & Calhoun, K. S. (2012). A mediation model of the role of sociosexuality in the associations between narcissism, psychopathy, and sexual aggression. *Psychology of Violence*, *2*(1), 16–27. <https://doi.org/10.1037/a0026217>
- Naeemi, S., Tamam, E., Hassan, S. H., & Bolong, J. (2014). Facebook Usage and its Association with Psychological Well-being among Malaysian Adolescents. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, *155*(October), 87–91. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.10.261>
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory* (2nd ed.). McGraw-Hill.
- O'Keefe, M. (2005). *Teen dating violence: a review of risk factors and preventions efforts*. <https://doi.org/10.1177/004051754401401206>
- Okano, M., Langille, J., & Walsh, Z. (2016). Psychopathy, alcohol use, and intimate partner violence: Evidence from two samples. *Law and Human Behavior*, *40*(5), 517–523. <https://doi.org/10.1037/lhb0000192>
- Orzack, M. (1999). Computer addiction: Is it real or is it virtual? *Harvard Mental Health Letter*, *15*(7), 8.
- Pallant, J. (2007). SPSS Survival Manual. A step by Step Guide to Data Analysis Using SPSS for Windows (Version 15), 3rd edition. In *SPSS Survival Manual* (pp. 195–209). [www.aidic.it/cet%0Ahttp://www.aidic.it/cet/17/56/001.pdf](http://www.aidic.it/cet%0Ahttp://www.aidic.it/cet/17/56/001.pdf)
- Penagos, A., Rodríguez, M., & Carrillo, J. (2006). Apego, relaciones románticas y autoconcepto en adolescentes Bogotanos. *Universitas Psychologica*, *1*(5), 21–36.
- Peskin, M. F., Markham, C. M., Shegog, R., Temple, J. R., Baumler, E. R., Addy, R. C., Hernandez, B., Cuccaro, P., Gabay, E. K., Thiel, M., & Emery, S. T. (2017). Prevalence and Correlates of the Perpetration of Cyber Dating Abuse among Early Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, *46*(2), 358–375. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0568-1>

- Pinheiro, I., & Caridade, S. M. M. (2019). Pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro: Revisão sistemática. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 5(2), 68–84. <https://doi.org/10.31211/rpics.2019.5.2.124>
- Piquer, B., Castro, J., & Giménez, C. (2017). Violencia de parejas jóvenes a través de internet. *Ágora de Salut*, 4, 293–301. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.6035/AgoraSalut.2017.4.31>
- Pontes, H. M., Caplan, S. E., & Griffiths, M. D. (2016). Psychometric validation of the Generalized Problematic Internet Use Scale 2 in a Portuguese sample. *Computers in Human Behavior*, 63, 823–833. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.06.015>
- Portugal, A., Caridade, S., Sani, A., Spínola, J., & Santos, A. (n.d.). *Relações de intimidade em jovens do ensino superior: Descrição e correlação das táticas de resolução de conflito e da exposição a violência no contexto familiar*. <https://doi.org/Manuscrito submetido para publicação>
- Prievera, D. K., Piko, B. F., & Luszczynska, A. (2019). Problematic Internet Use, Social Needs, and Social Support Among Youth. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 17(4), 1008–1019. <https://doi.org/10.1007/s11469-018-9973-x>
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2016). Snooping and Sexting: Digital Media as a Context for Dating Aggression and Abuse Among College Students. *Violence Against Women*, 22(13), 1556–1576. <https://doi.org/10.1177/1077801216630143>
- Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2012). Child and adolescent psychopathy: A state-of-the-art reflection on the construct and etiological theories. *Journal of Criminal Justice*, 40(4), 269–277. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2012.05.005>
- Runions, K., Shapka, J. D., Dooley, J., & Modecki, K. (2013). Cyber-aggression and victimization and social information processing: Integrating the medium and the message. *Psychology of Violence*, 3(1), 9–26. <https://doi.org/10.1037/a0030511>
- Santos, A. P., Caridade, S., & Cardoso, J. (2019). Violência nas relações íntimas juvenis: (des)ajustamento psicossocial e estratégias de coping. *Contextos Clínicos*, 12(1). <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.121.01>
- Schnurr, M. P., Mahatmya, D., & Basche, R. A. (2013). The role of dominance, cyber aggression perpetration, and gender on emerging adults' perpetration of intimate partner violence. *Psychology of Violence*, 3(1), 70–83. <https://doi.org/10.1037/a0030601>
- Shapira, N. A., Goldsmith, T. D., Keck, P. E., Khosla, U. M., & McElroy, S. L. (2000). Psychiatric features of individuals with problematic internet use. *Journal of Affective*

- Disorders*, 57(1–3), 267–272. [https://doi.org/10.1016/S0165-0327\(99\)00107-X](https://doi.org/10.1016/S0165-0327(99)00107-X)
- Smith, C. A., Greenman, S. J., Thornberry, T. P., Henry, K. L., & Ireland, T. O. (2015). Adolescent Risk for Intimate Partner Violence Perpetration. *Prevention Science*, 16(6), 862–872. <https://doi.org/10.1007/s11121-015-0560-0>
- Soeiro, C., & Gonçalves, R. A. (2012). O estado de arte do conceito de Psicopatia. *Análise Psicológica*, 28(1), 227–240. <https://doi.org/10.14417/ap.271>
- Stonard, K. E., Bowen, E., Lawrence, T. R., & Price, S. A. (2014). The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of Adolescent Dating Violence and Abuse: A research synthesis. *Aggression and Violent Behavior*, 19(4), 390–417. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.06.005>
- Stonard, K. E., Bowen, E., Walker, K., & Price, S. A. (2017). “They’ll Always Find a Way to Get to You”: Technology Use in Adolescent Romantic Relationships and Its Role in Dating Violence and Abuse. In *Journal of Interpersonal Violence* (Vol. 32, Issue 14). <https://doi.org/10.1177/0886260515590787>
- Thomazini, M. G., & Goulart, E. E. (2018). Relações familiares: a influência do virtual. *Interações*, 48, 49–64.
- Tokunaga, R. S. (2014). A Unique Problem or the Manifestation of a Preexisting Disorder? The Mediating Role of Problematic Internet Use in the Relationships Between Psychosocial Problems and Functional Impairment. *Communication Research*, 41(4), 531–560. <https://doi.org/10.1177/0093650212450910>
- Tokunaga, R. S. (2015). Perspectives on Internet Addiction, Problematic Internet Use, and Deficient Self-Regulation: Contributions of Communication Research. *Annals of the International Communication Association*, 39(1), 131–161. <https://doi.org/10.1080/23808985.2015.11679174>
- Van Ouytsel, J, Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2016). Adolescent cyber dating abuse victimization and its associations with substance use, and sexual behaviors. *Public Health*, 135, 147–151. <https://doi.org/10.1016/j.puhe.2016.02.011>
- Van Ouytsel, Joris, Ponnet, K., & Walrave, M. (2017). Cyber Dating Abuse: Investigating Digital Monitoring Behaviors Among Adolescents From a Social Learning Perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(5), 1–22. <https://doi.org/10.1177/0886260517719538>
- Ventura, M., Frederico-Ferreira, M., & Magalhães, M. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, III Série(11), 95–103. <https://doi.org/10.12707/riiii12120>

- World Health Organization [WHO]. (2016). *Violence against women: intimate partner violence and sexual violence against women*. <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>.
- Young, J., Klosko, J., & Weishaar, M. (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide* (Guilford P).
- Young, K., & Rogers, R. (1998). The relationship between depression and internet addiction. *CyberPsychology & Behavior*, *1*(1), 25–28. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1089/cpb.1998.1.25>
- Young, K. S. (1999). Internet addiction: evaluation and treatment. *Bmj*, *319*(Suppl S4), 9910351. <https://doi.org/10.1136/sbmj.9910351>
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The Rate of Cyber Dating Abuse Among Teens and How It Relates to Other Forms of Teen Dating Violence. *Journal of Youth and Adolescence*, *42*(7), 1063–1077. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9922-8>


## **ANEXOS**

## Anexo 1

### Resposta do pedido de autorização para utilização do questionário CibAN

Pedido de **autorização** CibAN 📎 1 ▾

**SC** Sonia Caridade <soniac@ufp.edu.pt>  
qui, 23/01/2020 11:53  
Para: Alda Patrícia Marques Portugal  
Cc: Você

 Questionário sobre Ciber Abu...  
Guardado no Anexos de e-mail

Alda,

Tudo bem, obrigada.

Claro que sim. O Instrumento encontra-se publicado e para mim um gosto poder disponibilizar-vos o mesmo para o efeito pretendido (em anexo).

Quando à escala de crenças, a única que conheço é a ECVC - Escala de crenças sobre violência conjugal e pode ser adaptada neste sentido. Também está publicada.

Beijinhos,

SC

Alda Patrícia Marques Portugal <[alda.portugal@staff.uma.pt](mailto:alda.portugal@staff.uma.pt)> escreveu no dia quinta, 23/01/2020 à(s) 10:26:

Bom dia Sónia,

Espero que estejas bem.

Escrevo-te na sequência de um contacto já previamente efetuado pela minha aluna de mestrado, a Ana Cristina Saial. Sou orientadora de tese da Ana Cristina e na nossa reunião de ontem ela disse-me que ficou muito interessada num instrumento adaptado e validado por ti, o CibAN. Soube que ela já fez alguns contactos contigo e este e-mail serve para formalizar o pedido de **autorização** para utilizarmos a referida escala na tese da Ana Cristina. Temos a intenção de fazer uma análise da relação entre o ciberabuso e o uso problemático de internet. Gostaríamos ainda de explorar a relação destas dimensões com uma escala de avaliação das crenças face à violência íntima. Neste sentido, gostaria de te perguntar se conheces alguma que nos possas sugerir.

Muito obrigada.

Um abraço,  
Alda Portugal, Ph.D

*Professora Auxiliar Convidada da Universidade da Madeira  
Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra*

## Anexo 2

### Resposta do pedido de autorização para utilização da escala LSRPS

**De:** Fernando Barbosa fernandobarbosa@me.com  
**Assunto:** Re: Solicitação de autorização da versão portuguesa do Levenson Self-Report Psychopathy Scale (LSRPS)  
**Data:** 20 de fevereiro de 2020, 13:39  
**Para:** Alda Patrícia Marques Portugal alda.portugal@staff.uma.pt

FB

Bom dia cara colega,

Com certeza. Poderá encontrar o instrumento em <https://osf.io/2dr8a/>  
Sobre estudos empíricos em que a Levenson foi utilizada, temos vários sob a forma de dissertações de mestrado, mas que só tenho em papel. Talvez consiga ter acesso através de <https://repositorio-aberto.up.pt>  
Também estamos a preparar um artigo psicométrico com os dados que fomos recolhendo, mas ainda estamos no início.

Bom trabalho,

Fernando Barbosa

Diretor do Departamento de Psicologia | Head of the Department of Psychology  
Laboratório de Neuropsicofisiologia | Laboratory of Neuropsychophysiology  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto  
Faculty of Psychology and Education Sciences – University of Porto  
Rua Alfredo Allen, 4200–135 Porto, Portugal  
<http://www.fpce.up.pt> | [fbarbosa@fpce.up.pt](mailto:fbarbosa@fpce.up.pt) | (+351) 22 607 97 00 (ext. 296)

No dia 19/02/2020, às 15:03, Alda Patrícia Marques Portugal <[alda.portugal@staff.uma.pt](mailto:alda.portugal@staff.uma.pt)> escreveu:

Exmo. Senhor Professor Fernando Barbosa,

O meu nome é Alda Portugal e sou Professora no Departamento de Psicologia na Universidade da Madeira. Encontro-me atualmente a orientar uma tese de mestrado em Psicologia da Educação que tem por finalidade caracterizar a violência virtual no contexto das relações de namoro. Na sequência da preparação do projeto desta tese, encontrei a versão portuguesa do Levenson Self-Report Psychopathy Scale (LSRPS). Pareceu-me um instrumento extremamente interessante para incluir no protocolo de investigação que estamos a desenvolver.  
Deste modo, gostaria de solicitar a sua autorização para a utilização deste instrumento no estudo que estamos a preparar. Caso me conceda essa autorização, ficar-lhe-ia muito grata se pudesse disponibilizar, também, material de suporte da referida escala (e.g., estudos empíricos realizados com a versão portuguesa do instrumento).

Agradeço desde já a atenção.

Cumprimentos,

*Alda Portugal, Ph.D*

<image001.png>

*Professora Auxiliar, Universidade da Madeira / Assistant Professor, University of Madeira*

*Investigadora Associada, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra / Associate Researcher, Centre for Social Studies, University of Coimbra*

### Anexo 3

#### Convite à participação no projeto de investigação

## O Uso de Internet nas Relações de Namoro

Caro/a participante:

As Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC) estão cada vez mais presentes na nossa vida. Hoje em dia, temos acesso à internet a partir de muitos dispositivos tecnológicos e usamo-la para estar em contacto permanente com familiares, amigos, colegas, ... As TIC moldam a forma como nos relacionamos com os outros, inclusivamente na gestão que fazemos das nossas relações íntimas. Deste modo, é importante compreender qual o impacto que este fenómeno tem nas vivências de namoro.

#### Qual é o objetivo do estudo?

O presente estudo tem como objetivo analisar a forma como são geridos os conflitos nas relações de namoro através do uso da internet.

#### Quem pode participar?

Qualquer pessoa que: (a) esteja ou tenha estado numa relação de namoro, (b) tenha entre 18 e 29 anos (c) faça uso das tecnologias de informação e comunicação e (d) tenha pelo menos um perfil numa rede social.

#### Como posso participar?

A sua participação é voluntária. Para participar terá apenas de responder a este questionário, cujo tempo médio de preenchimento é de cerca de 15 minutos. Note que não existem respostas certas ou erradas; o importante é que as suas respostas expressem o que pensa, sente ou faz em cada caso. Gostaríamos de lhe pedir que **respondesse a todas as questões**, sem exceção.

#### A confidencialidade dos meus dados é garantida?

A confidencialidade dos seus dados está totalmente garantida. As suas respostas apenas serão tratadas em termos coletivos para efeitos de investigação.

#### Se desejar colocar alguma questão sobre o estudo quem posso contactar?

Se surgirem dúvidas adicionais sobre a sua participação neste estudo, por favor, contacte a equipa de investigação através dos emails [anacristinagama91@hotmail.com](mailto:anacristinagama91@hotmail.com) e [alda.portugal@staff.uma.pt](mailto:alda.portugal@staff.uma.pt)

---

#### CONSENTIMENTO INFORMADO

Se aceitar participar neste projeto de investigação, por favor coloque um X no quadrado abaixo:

Tomei conhecimento dos objetivos deste estudo e aceito participar voluntariamente no mesmo

---

#### A equipa de investigação:

Ana Cristina Gama Saial (Estudante de mestrado em Psicologia da Educação da Universidade da Madeira)

Alda Portugal (Professora na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira; Investigadora do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra)